O MALHO
REI ALBERTO
CARICATURA
DE THÉO
ANNO XXXII
NUMERO 27
7 - 12 - 1933
Preço 1$200

A morte é inevitavel

OSMOS

OSMOS

SAUDE

Entretanto, se a senhora quizer, poderá retardal-a.

AS INSTALLAÇÕES SANITARIAS

mal desinfectadas, são geralmente a causa de graves molestias, principalmente as infecções. Colloque em sua caixa de descarga um apparelho "OSMOS" — desinfecta, — perfuma e SANEIA AUTOMATICAMENTE, COM 200 % DE ECONOMIA SOBRE A DESINFECÇÃO MANUAL.

Sociedade "OSMOS" Limitada

ROSARIO, 155 — PHONE, 3-3996.

Acceitamos agentes para as praças vagas.

P A R A A B E L L E Z A

Productos A. DORET

Formosura do rosto. — Não ha motivo para que o rosto perca a frescura da mocidade, quando a pelle do corpo se conserva por longo tempo; frequentemente até sempre.

O rosto, no entanto, carece de cuidados. Uma planta é viçosa tratada como deve, carinhosamente vigiada dia a dia. A cutis, tanto como as plantas que nos exigem perseverança de trato, deve soffrer exame e prescripção de quem a essa especie de medicina se dedica.

Assim é que, A. Doret, vivamente empenhado em contribuir para a boniteza da pelle das mulheres, preparou uma serie de loções, cremes, etc., cada qual com destino a cada qualidade de pelle.

Pelle normal — nem secca nem gordurosa — requer uso diario de EMULSINE e, duas vezes por semana, JOUVENCE FLUID.

Pelle secca — JOUVENCE n. 12 em contacto com a pelle durante 5 minutos, depois do que deve ser lavada, para, em seguida, soffrer ligeira massagem com o CREME AUTO MASSAGEM, por sua vez retirado com um pano humedecido em agua pura.

Pelle gordurosa — Depois de lavada a pelle do rosto é limpa ainda com JOUVENCE FLUID simples, sem numeração, e, antes do pó d'arroz do mesmo fabricante, um pouco de EMULSISINE n. 15.

As massagens no rosto, collo braços de pessoas menos moças serão feitas com o CREME DORET, pela manhã, retirado do rosto com agua pura. Antes de deitar, o uso constante de JOUVENCE FLUID n. 18.

Nutrir a pelle é para qualquer idade. Não sendo, porém, do agrado de todas o uso de cremes no — caso o CREME AUTO MASSAGEM — póde ser substituido pelo LEITE DEESSE.

As espinhas, mal de que padecem mocinhas e rapazes, devem ser tratadas do seguinte modo: lavagem com agua e optimo sabão; JOUVENCE FLUID, procurando embeber bastante a parte atacada pelo mal. Medicação com resultado em oito dias de uso. E' mistér recommendar que as espinhas nunca devem ser espremidas, nem os cravos retirados com a pressão das unhas.

Os Perfumes, Loções, Pó de Arroz e os Productos de Belleza A. Doret, encontram-se nas seguintes casas:

CIRIO, Rua do Ouvidor 183 — Casa Doret, Rua Alcindo Guanabara, 5-A — Casa Guido & Della (Cabelleireiro), Rua Uruguayana, 16 — Casa Ormonde (Cabelleireiro), Rua S. José, 120-1° — Julio Mendes de Araujo, Rua Barão de Mesquita, e nas Drogarias: Francisco Giffoni Rua 1° de Março, 17 — Huber, 7 de Setembro, 61 - Rio — Fabrica e deposito: A. Doret, Rua Gurupy, 147 — Grajahú — Rio.

O MALHO

Propriedade da S. A. O MALHO

ANNO XXXII NUMERO 26

Director: Antonio A. de Souza e Silva

Numero avulso em todo o Brasil { 1$200

Assignaturas: Annual --------- 60$000 / Semestral------ 30$000

Redacção e administração

TRAVESSA DO OUVIDOR, 34

Telephones: 3-4422 e 2-8073 - Caixa Postal 880

RIO DE JANEIRO

AVISO IMPORTANTE

Afim de regularizarem as suas contas, são convidados a comparecer ou a se dirigirem por escripto ao nosso escriptorio, os Srs.: Boanerges de Oliveira, Nova Lima, Minas — Pedro de Souza Mendes Junior, Dôres do Indayá, Minas Samuel Dias de Mello, Lavras, Minas — Luiz Isaola, Campo Bello, Minas — Antonio Coutinho, Friburgo, Estado do Rio — Fuad Jorge, Ourinhos, São Paulo.

O PROXIMO NUMERO D'O MALHO

Entre outros assumptos, destacamos:

A SOMBRINHA DA TIA EULALIA
Conto de Medeiros e Albuquerque
Illustração de Monteiro Filho

EVA, O AMOR E OUTRAS MENTIRAS
Por Berilo Neves

O LOBISHOMEM
Conto por Tyron
Illustração de Fragusto

INVENÇÕES PRATICAS
Por Yantok

A NAVEGAÇÃO INTERPLANETARIA
Por De Mattos Pinto

SECÇÕES DO COSTUME

De tudo um pouco — — De Cinema — Floricultura e Horticultura — Belleza e Medicina — Carta Enigmatica — Charadas — O Mundo em Revista — Caixa d'O MALHO

■ ■ ■

Supplemento dentro d'O MALHO

Um grande supplemento exclusivamente dedicado ás senhoras, contendo varios modelos de vestidos em varias côres para senhoras e creanças; «tricots», monogrammas, riscos para bordados, e muitos outros assumptos, de interesse feminino.

CAIXA D'O MALHO

J. GONÇALVES (Pelotas) — Desculpe, mas aquillo não é soneto, nem coisa nenhuma. Se quer um conselho, deixe as musas em paz.

CANTOR DEL PRADO (Bahia) — Infelizmente, não posso animal-o. A amostra que me mandou é desanimadora. Os versos são incoherentes, quando não corriqueiros ou infantis. Se a prosa fôr do mesmo quilate, é uma tristeza. Entretanto, se V. é tão jovem, como diz, continúe, pois, nesta materia, todo o progresso é possivel.

EURICO COSTA (Recife) — Não ha o que agradecer. Desde que você poude romper o cerco e chegar até as paginas d'"O Malho", é porque mereceu. Parabens.

ROMUALDO PESSÔA (João Pessôa) — De facto, abusaram do seu nome. Embora não tenha mais aqui a carta e os versos que enviaram para esta secção, com a sua assignatura, pois que o que não é aproveitado vae mesmo para a cesta, estou convencido de que se trata de uma grosseira mystificação, não só pela franqueza da sua missiva, como principalmente, pelo bom quilate dos sonetos que teve a gentileza de enviar junto, os quaes constituem uma bella amostra do seu talento poetico.

JOSE' PAULO DA SILVA (S. Paulo) — Aproveitaremos "Uma idéa genial". O outro não está tão bom e os versos são mediocres.

RICARDO RIBAS (Therezina — Piauhy) — "O Fantasma da Serra" seria publicado se V. não houvesse carregado um pouquinho demais na pintura da scena do banho de Maria Rumania. Para um livro de contos, é um elemento de attracção a mais. Para uma revista como O MALHO, porém, os pormenores estão muito ao vivo. Quanto a "Tragedia", não vale metade do outro conto: é pretencioso e ingenuo. O genero que lhe serve é o do "O Fantasma da Serra". Ahi mesmo no Piauhy, V. tem uma fonte viva e pura, ainda quasi virgem por explorar. Este o merito que eu desejo ao seu livro.

LOBIVAR MATOS (Campo Grande) — Em "A Rosa que você me deu", ha muita coisa linda. E' pena que a poesia seja tão longa e que o seu estro não se mantenha sempre na mesma altitude a que attinge, por vezes. Já em "Espontaneidade" o excesso de simplicidade leva-o a uma conversa interior sem nenhuma elevação. Os outros serão aproveitados. O melhor é "Inspiração" que é um perfeito *haikai*.

K. (Porto Alegre) — Este agora sempre apparece melhor do que o outro, mas ainda não póde aspirar á publicidade. Em soneto, velho estylo, os quartetos devem ter a mesma rima. Outra coisa: *fantasmas* não rima com *almas*... Ha tambem uma historia de metrica que é o diabo para atrapalhar. Ella diz que os versos de um soneto devem ter o mesmo numero de syllabas, e um certo rythmo. Não sei se V. sabe disso. Se sabe, fez como se não soubesse. Acho que é preciso conhecer estas insignificancias, antes de começar a escrever sonetos.

RONASSA OVIDIO (Rio) — Reli a resposta anterior, mas não gostei de "Cauchemar". As imagens continuam arrojadas e o estylo é ardente e vigoroso. Mas a descripção não convence. Não tem realidade, nem super-realidade. Estou certo de que este contratempo não vae desanimal-o. Estou certo, tambem, de que não se forçará a escrever qualquer coisa, só para envial-a ao O MALHO. Não. Deixe-se ficar quieto. E quando sentir o momento de [illegible] escreva. Não se deve forçar a inspiração. Basta-lhe, por ora, a convicção, a certeza de que possue um bello talento poetico. Não o delapide, nem o constrinja: procure dominal-o, apenas.

DARCIFE (S. Paulo) — "Menina dos olhos quietos", mediocre. "O Namorado de Joan", soffrivel. "A Historia resignada do Vicente", bom. Este sahirá. Os outros — cesta.

M. AVAHY (Santos) — Além de demasiadamente longo, o seu conto é traçado num estylo titubeante e sem brilho e numa technica muito antiga.

RENATO VILLAR (Curityba) — Depois de sua victoria no conto, uma derrota na poesia não lhe deve ser muito amarga. O soneto está detestavel: sem brilho e cheio de defeitos. Os *alexandrinos* têm uma construcção especial, que eu já expliquei aqui e não desejo repetir, mas que V. poderá conhecer, comparando os versos dos bons poetas ou consultando qualquer livro sobre arte poetica. Quanto á poesia, está melhor, porém, longa demais.

SEVERINO UCHOA (Alagôa Grande — "Meus brinquedos" — bom. Mas tem um verso com uma syllaba demais:

"Caixa de phosphoros vasias".

Emende-o ou supprimá a quadra: eu não quero assumir a responsabilidade. Quanto á sua interrogação, sobre a minha pessôa, respondo: — Não. o seu trabalho aqui é outro.

LONELY (S. Paulo) — Como sempre, bom. Sahirá.

FOST (Rio) — Os seus humildes e ingenuos versos estão muito fraquinhos tão fraquinhos que não foi possivel salval-os.

LUIS NUNES BAPTISTA (João Pessôa) — "O homem triste..." serve, mas, não sei quando sahirá, pois temos centenas esperando opportunidade.

TRIVIAL (Curityba) — Fica esperando uma brecha...

M. D. F. (S. Paulo) — Só "Ironia e Piedade". Os versos estão engraçados mas... não são versos.

M. V. (Rio) — Um bom flagrante de rua? Não: um bom flagrante da nossa geração. Creio que V. está fazendo economia de talento; mas assim mesmo o que deixou cahir no seu "Made in Omnibus" é sufficiente para salval-o da cesta.

POTYRENDABA (Goyanna) — Mesmo com a explicação, o conto não se salva. Continúa inverosimel.

CHAMOINE (Rio) — Volte quando quizer e como quizer: o acolhimento é sempre igual. Com um bom dia na entrada, um até logo na sahida — ou mesmo de cabeça baixa, num passo e num silencio de freira — o "presidente da Caixa" tem o mesmo ar de cordialidade e franqueza. O Cabuhy faz como aquelles educadissimos porteiros de grandes hoteis que estão sempre promptos para o cumprimento e a gentileza. Se o hospede, ao entrar, ou ao sahir, os saúda, elles correspondem, com o *bonet* na mão e o sorriso nos labios. Mas se o hospede passa-lhes perto sem lhes dar attenção, elles se perfilam com o *bonet* na mão e o sorriso nos labios, da mesma forma, como se tivessem sido distinguidos com um cumprimento.

EVA FLORA (Gymirim) — O genero lhe convem, sim. Creio mesmo que é o que mais se adapta á sua exaltada sentimentalidade. Não conheço o artigo de que fala e creio tambem que aquella poetisa não o conhece. Que quer? ladrar ainda é a melhor maneira de chamar a attenção sobre si. Creio que o Yantock andou muito bem inspirado. O neto não está muito longe do avô. Revista-se de toda a paciencia de que for possivel para esperar a publicação dos seus trabalhos. A pasta dos "nossos amigos collaboradores" está mais do que abarrotada.

OTHONIEL BELLEZA (Bello Horizonte) — Muito embora eu implique com o estylo precioso, commetteria uma injustiça se não reconhecesse, no seu soneto, um modelo de bôa linguagem e de perfeita construcção, pacientemente trabalhada. Publico-o aqui, como uma preciosidade de museu, pela riqueza da sua rima e pela apurada sonoridade dos seus rythmos:

SAUDAÇÃO SANDALICA

Num pericordio exul celebro o excidio
Do teu esophago e do teu perineo.
Com a colera que espuma, dum ophidio,
Prono á lethal vertigem do declinio.

Ergo, apesar do labio leporideo,
Que me protrae a febre de dominio,
Serei, nos paroxismos do autocidio,
O ultimo menestrel do teu fascinio.

Meu coração tem óxydo de ferro,
E as glandulas caproicas, que eu encerro,
Tornam-me saturnal, da côr de chumbo.

Mas, na ebriez dos liquidos venenos,
Já que te offende o meu odor, ao menos
Planta-me em cima aquatico nelumbo.

Othoniel Belleza

DE LACY (?) — Você não acertou completamente, embora tenha salientado o principal defeito: falta de originalidade. Mas ha outros. Por exemplo: falta de leveza. Numa chronica de sua meninice, naquelle tom, requer-se uma prosa leve e elegante. Você nos atira logo, quasi de entrada, um periodo que toma toda uma pagina de papel... Ao demais, abusa dos logares communs. De maneira que aquillo que deveria ser uma pagina de emoção sincera e profunda se transforma num rosario de phrases feitas que dão a impressão de artificio. E não ha nada mais falso mesmo, do que esse modo de ver a infancia com sentimentos de gente grande á maneira de Casemiro de Abreu. A' meninice não é aquella quadra dourada dos "Meus 8 annos". Mas sim, aquelle periodo tenebroso em que a alma parece mergulhada numa vaga de instinctos como descreve Santo Agostinho e que Freud confirma, exaggerando.

LEVINO DE CASTRO (Recife) — Tambem a sua prosa é excessivaartificial e rica de logares communs. Mais sinceridade e menos preguiça.

NICIAS MOURÃO (Bello Horizonte) — Está, apenas, soffrivel. A suggestão do ambiente e dos nomes exoticos não conseguem tirar a impressão de lerdeza no desenvolvimento do thema, e mesmo de uma certa infantilidade. Esse Oriente de "Mil e Uma Noites" é tão falso como uma joia da Slopper. E como fantasia, já foi demasiadamente explorado.

FIESSE GELE (Caruarú, Pernambuco) — A sua chronica está bem fraquinha. Eu poderia emendar os horriveis deslises grammaticaes que a prejudicam. Mas não poderia injectar-lhes o espirito que V. tentou, com insuccesso.

Dr. Cabuhy Pitanga Neto

A expedição Roulet, de que Paluel—Marmont acaba de descobrir as relações de viagem e as reliquias, gastou, por falta de meios de transportes, 15 mezes para ir de Marselha ao Nilo, em 1899.

A CUTIS NADA SOFFRERÁ
COM OS PRAZERES DA PRAIA
FAÇA SEM RECEIO SEU
BANHO DE MAR E DE SÓL
Leite de Colonia
o embellezador da mulher
Evita e corrige as queimaduras do sól e os effeitos desagradaveis do vento maritimo sobre a pelle
PHARMACIA STUDART
Leite de Colonia
6

Encruzilhada

No "deixa andar" e nas improvisações febricitantes — é como em geral vivemos os brasileiros. A nossa existencia é toda uma serie de grandes ou pequenos abandonos, dos quaes sómente sahimos nas horas agudas das crises, para defesas, na verdade, estupendas.

Em summa: somos o espelho animado do descuido e da imprevidencia. E, por isso nunca sabemos o dinheiro que carregamos no bolso.

✣ ✣ ✣

Imaginemos que ha no mundo uma encruzilhada ideal, uma abstracta intersecção de caminhos, mas pela qual possam passar, concretos, os homens de todas as nações, os figurantes de todos os povos.

Ha um guarda — ou um psychologo — no ponto vivo 'desse entrelaçamento de estradas.

Approxima-se um inglez. O fiscal, que não tem patria, ou é francamente internacional, pergunta, numa cortezia:

— "Gentleman", póde conceder-me o obsequio de dizer-me, exactamente, quanto leva comsigo em dinheiro?

— Quatro libras, tres shillings e um penny, responde, a sorrir, o interpellado.

Logo a seguir, com vasto "sombrero" e ternos olhos, passa um chileno.

— "Caballero, haiga un favorcito..."

A mesma interrogação é lançada... "pero" em castelhano, authentico, de Santiago. O andino revira os olhos, fita o céo e confessa:

— Sete escudos, senhor.

Já surge um japonez. Talvez escape á indiscreção. Mas, qual. Abordado, immediatamente responde:

— Nove yens e meio.

E' pouca coisa; mas é dinheiro de contado.

Vem um dinamarquez:

— Doze corôas.

Um allemão:

— Oitenta marcos.

Um hespanhol, um francez e um norte-americano accusam promptamente suas pesetas, seus francos e seus dollars; e até um peruano canta "doce soles y ocho dineros, no mas..."

Todas as respostas são dadas sem a menor demora e sem a mais simples consulta ao interior das vestes.

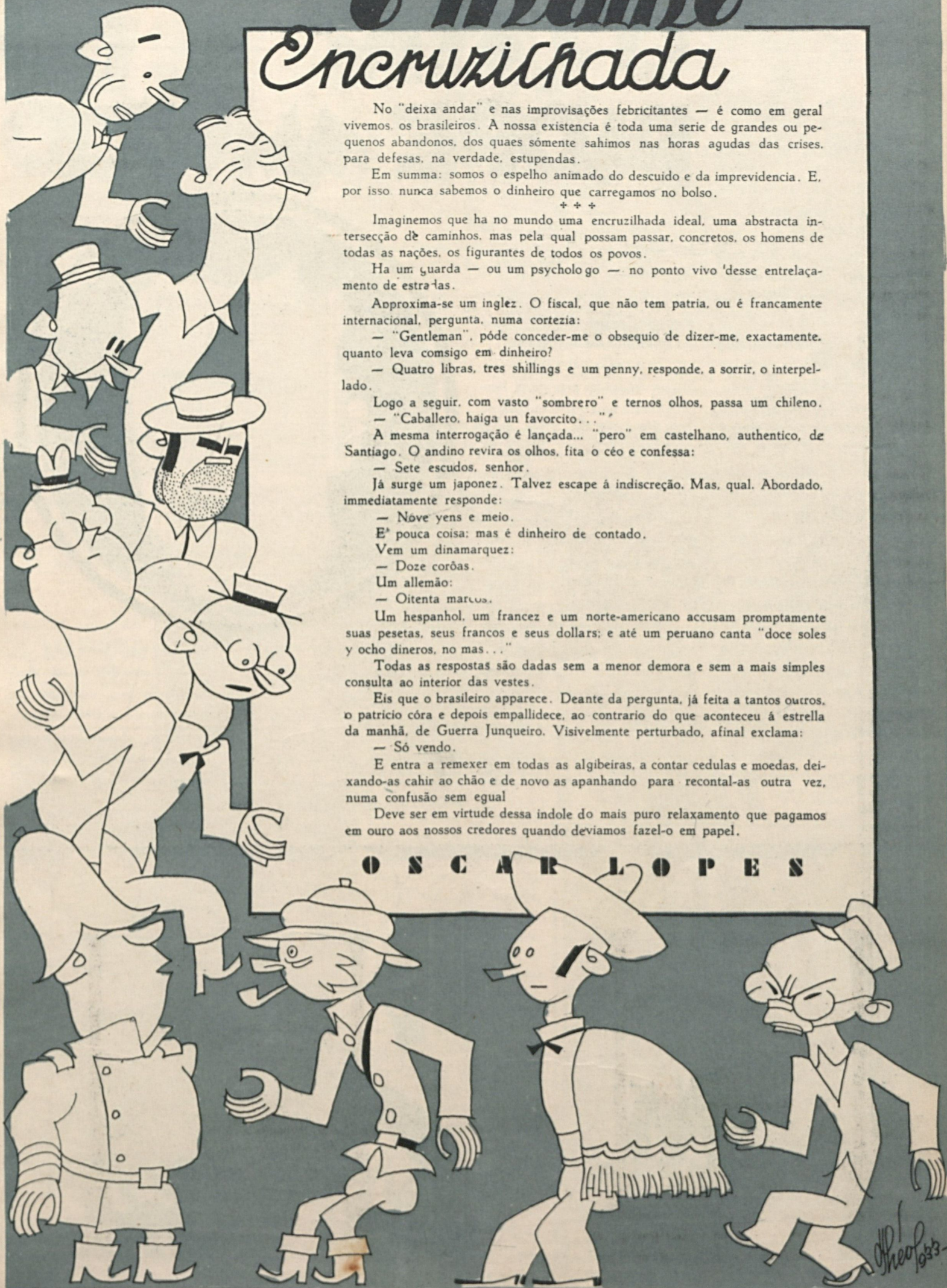
Eis que o brasileiro apparece. Deante da pergunta, já feita a tantos outros, o patricio córa e depois empallidece, ao contrario do que aconteceu á estrella da manhã, de Guerra Junqueiro. Visivelmente perturbado, afinal exclama:

— Só vendo.

E entra a remexer em todas as algibeiras, a contar cedulas e moedas, deixando-as cahir ao chão e de novo as apanhando para recontal-as outra vez, numa confusão sem egual

Deve ser em virtude dessa indole do mais puro relaxamento que pagamos em ouro aos nossos credores quando deviamos fazel-o em papel.

OSCAR LOPES

O LATIM DO PADRE AMANCIO

CHAMAVA-SE Padre Amancio das Dores Chaves.

Velhinho, muito suave na expressão, de meia estatura, com batina já muito surrada, porém, asseada pela escôva.

Era professor do velho Liceu Alagoano, desde que o Coronel Antonio Nunes de Aguir sancionára a Lei n. 106, aos 5 de Maio de 1849, creando o estabelecimento, com caracter de ensino secundario.

Quando o padre mestre fôra nomeado para a cadeira de latim, já o seu nome estava ligado ao ensino da materia, pois mantinha curso particular na casinha baixa e colonial onde vivia.

Pela manhã, após o latim da missa, entrava no latim da cadeira. Fosse manhã de chuva, ou manhã de sol, lá se ia o Padre Amancio, com o seu passinho cadenciado,pelas ruas enviezadas de Maceió, até o Liceu Alagoano.

Os estudantes de então tinham do Padre Amancio uma grande queixa: emquanto os professores de rethorica, francês, moral e português, feriavam em certos e determinados dias, elle não deixava de se sentar na cadeira e dar aula, com uma precisão de relogio.

E foi assim que certa vez, logo cedinho, foram para o Largo das Princezas, perto do Liceu, e trouxeram de lá, pelas redeas, um paciente burrinho que ali costumava pastar sossegadamente.

Sem que o bedel os visse, entraram no predio pela porta lateral e foram amarrar o burrico ao pé da mêsa onde o professor de latim fazia a chamada e se debruçava sobre os compendios de Horacio e de Virgilio.

Padre Amancio entrou na sala de aula. Ninguem. Apenas o burrinho, movendo as grandes orelhas, espantado de tudo aquillo. O velho mestre não se perturbou: fez a chamada, pôz falta nos estudantes que gargalhavam por detraz da porta, levantou-se depois, foi até onde estava a alimária e lhe disse num tom de vóz bem nitido e compassado:

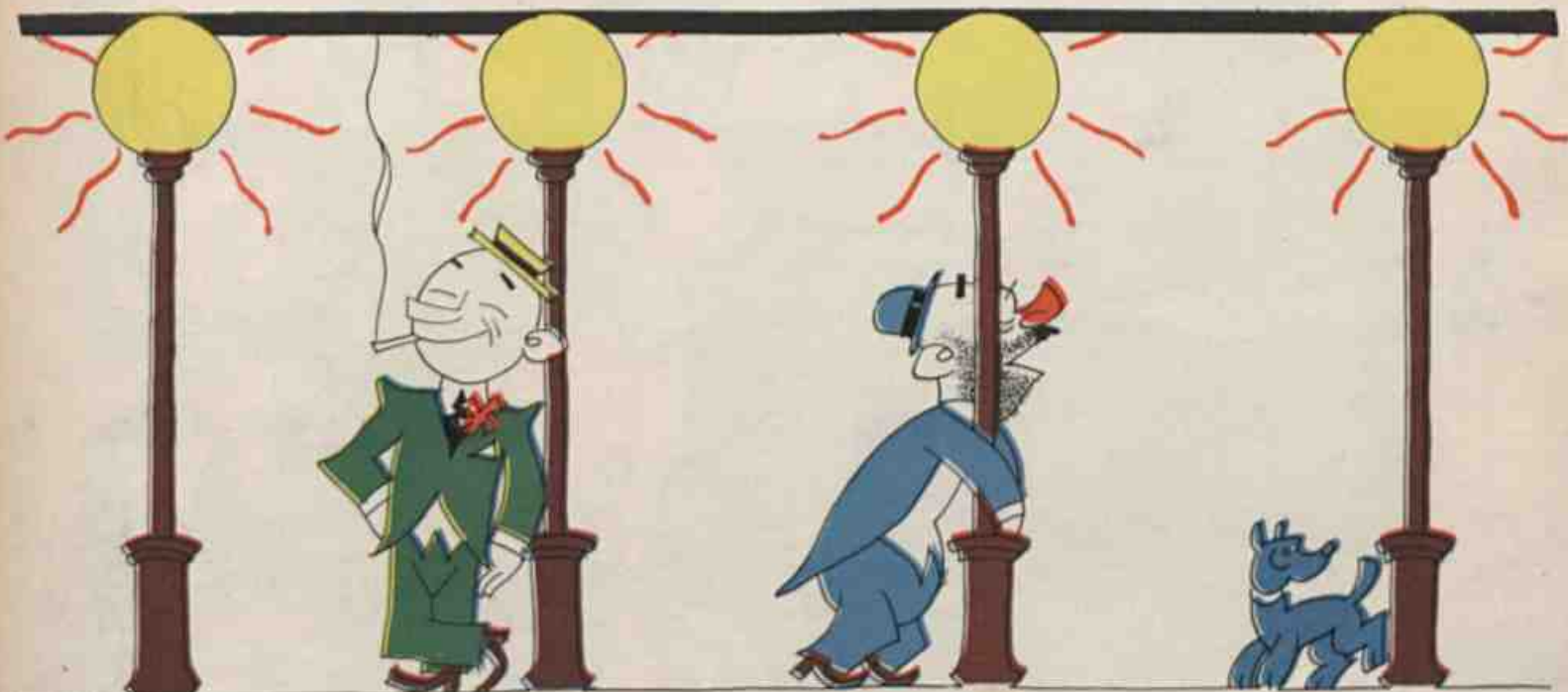
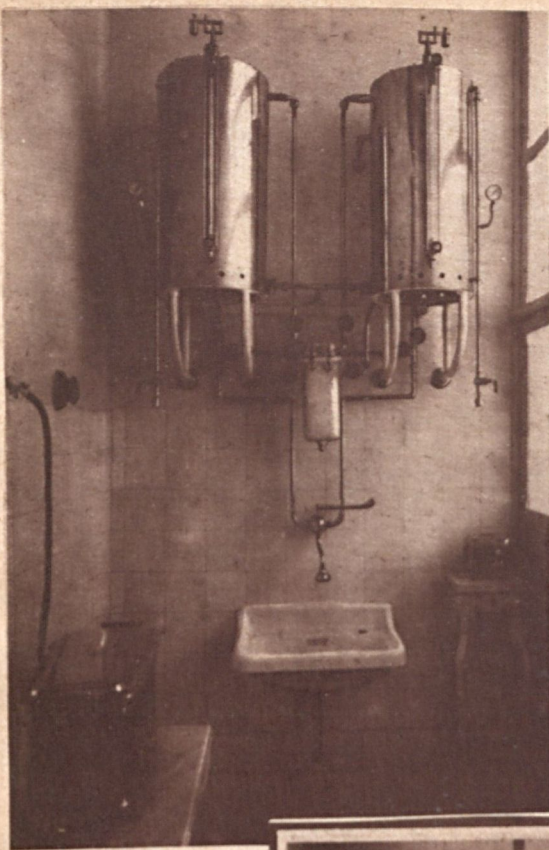
— "Diga aos seus collegas que eu hoje não posso dar a lição de latim".

Padre Amancio das Dôres Chaves

E retirou-se calmamente do Liceu.

No dia seguinte, a classe estava repleta. O latinista sentou-se calmamente na sua cadeira, sorrindo, como si nada houvesse acontecido e disse:

— "Como lhes mandei dizer hontem pelo unico estudante que poude comparecer á aula, não pude dar lição. Porém hoje vamos começar pelo nono capitulo da Historia Romana de Eutropio..."

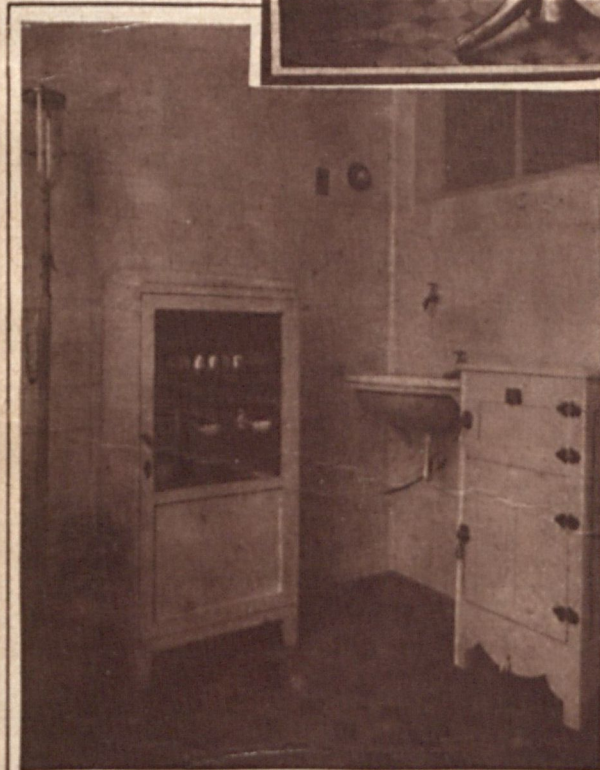
Jayme D'Altavila

O poste não serve só para a luz...

A asepsia mais vigorosa garantida pelos apparelhos mais modernos.

A inauguração das novas installações de Tisiologia, no momento em que falava o professor Mac Dowell.

O prof. Mac Dowell, director da Polyclinica entre os Drs. Aresky Amorim e Galdino Travassos.

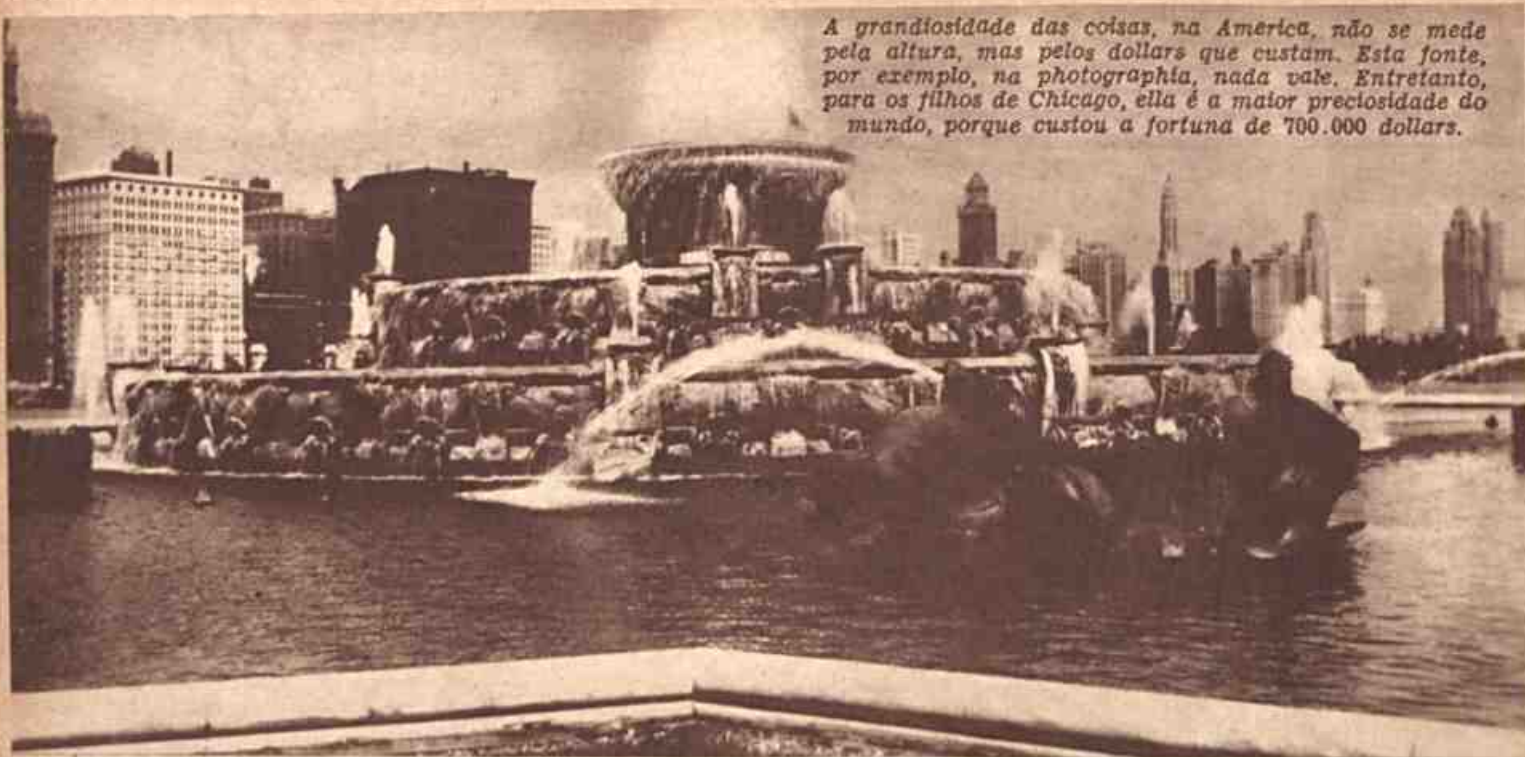
O COMBATE CONTRA a Peste Branca

Nova sala de operações do Serviço de Tisiologia da Polyclinica Geral do Rio de Janeiro, destinada a alta cirurgia thoraco-pulmonar.

Parte do material cirurgico de que se compõem as installações recem-inauguradas.

Canto de dispensa da enfermaria para tuberculosos da Polyclinica Geral.

A Polyclinica Geral do Rio de Janeiro, inaugurando as novas e modernas installações do serviço de Tisiologia, está em condições de rivalizar com os mais perfeitos estabelecimentos no genero, existentes no mundo, e de prestar aos milhares de doentes nella matriculados todos os soccorros da sciencia do nosso tempo.

Essas installações cujo valor ascende a cerca de 40 contos, foram custeadas pelo commercio desta capital, graças aos esforços do Dr. Aresky Amorim, cirurgião adjunto, e do dr. A. Mac Dowell, director da Polyclinica.

Um canto da enfermaria para os tuberculosos

A grandiosidade das coisas, na America, não se mede pela altura, mas pelos dollars que custam. Esta fonte, por exemplo, na photographia, nada vale. Entretanto, para os filhos de Chicago, ella é a maior preciosidade do mundo, porque custou a fortuna de 700.000 dollars.

Outro aspecto bonito da cidade de Chicago, com as dezenas de pontes que atravessam o rio, mais ou menos o nosso Mangue. E quando dizemos mais ou menos, queremos dizer mais do que menos.

CHICAGO

(DE ADOLFO AIZEN, ENVIADO DO TOURING CLUB AOS ESTADOS UNIDOS, ESPECIAL PARA "O MALHO")

CHICAGO sempre foi uma cidade de grande destaque no mappa norte-americano, mas ultimamente se celebrisou no estrangeiro com a Feira de Um Seculo de Progresso que realisou.

Pertence ao Estado de Illinois. Fica ás margens do Lago Michigan. E tem industrias que não é brinquedo...

Ao alto deste edificio, todas as noites, circulando a cidade de Chicago, está um possante pharol. E' conhecido por "Lindberg Beacon". Foi erigido em homenagem ao joven aviador que atravessou o Atlantico, sózinho, pela primeira vez.

Chicago é uma cidade essencialmente proletaria. Com um jornal

Esta ponte, em Chicago, delimita a parte Sul da parte Norte da cidade. Como se vê, a vontade de subir, na America, não está sómente em Nova York, mas em qualquer cidade onde haja um americano.

Uma vista de Chicago, á noite. Das grandes cidades da America, é a melhor illuminada.

Esta é a Michigan Avenue, de Chicago, e ao lado, escuro, com um leão á frente, destaca-se o edificio do Instituto de Arte. Esta Avenida Michigan é como a nossa Rio Branco, sendo apenas tres vezes mais longa e mais coalhada de arranha-céos...

As Universidades são a maior maravilha da America do Norte. Este é o edificio da Universidade de Northwestern, Mckinlock Campus, Chicago, o maior assombro já visto em materia de escola superior.

communista diariamente em circulação. E uma porção de *sem trabalhos* pelas ruas.

Tem avenidas bonitas. Parques enormes. Edificios grandes e luxuosos. Curiosidades. Museus e bibliothecas que têm todas as cidades.

Os leitores que desejariam ver Chicago como eu vi graças ao Touring Club do Brasil e seu Comité de Imprensa, os leitores fixem bem estas photographias inéditas que O MALHO lhes apresenta. Mostram tudo. E explicam tudo. Good bye.

A Water Tower, o Torre da Agua foi a unica coisa que se salvou de Chicago, quando esta cidade pegou fogo ha coisa de cincoenta annos. Uma vaca derrubou um candieiro num estabulo. O estabulo pegou fogo e o fogo passou á cidade. Salvou-se a Torre, que é hoje um monumento nacional.

Christovam de Camargo, amigo de Vôvô Indio, costuma entreter longas palestras com esse personagem illustre, que tantos admiradores conta em nosso meio...

Tão interessantes são as narrativas desse confidente dos bichos, que o escriptor patricio resolveu enfeixal-as em volume, com o suggestivo titulo de "Fabulario de Vôvô Indio".

Publicaremos, em primeira mão, algumas dessas fabulas, cuja frescura e malicia os leitores saberão apreciar.

A Saracura e a Girafa

POR CHRISTOVAM DE CAMARGO

UM dia, ao passar pela casa do macaco, a saracura ouviu que gritavam da janella: — "perna fina, ó perna fina!

Olhou para um lado e para outro e disse lá comsigo: — "ora essa, eu não vejo ninguem, por quem será que estão chamando?"

Dahi a dois dias, a mesma voz: — "perna fina, ó perna fina!"

— Deve ser algum maluco, — pensou.

Sempre que passava por aquella casa, o mesmo grito fazia-se ouvir. De tal sorte que acabou desconfiando: — "aquillo será mesmo commigo?" Para pôr tudo em pratos limpos, á primeira vez que a tal vozinha antipathica bateu-lhe nos tympanos, correu para a casa e enfiou o bico pela janella, com um geitão de quem não estava com muita vontade de brincar. Deu de cara com o filhote do macaco. O pobre, ante aquelle bico de apparencia tão pouco camarada, sentiu um nó na garganta e não poude terminar o que ia dizendo: — "perna fi..."

— *Seu* moleque, faça o favor de me dizer, isso é commigo?

— Nã... nã... não! — gaguejou o macaquinho, todo tremulo. Eu... eu...

Nesse momento, passava casualmente a girafa pela rua.

Ao vel-a, o macaco teve uma inspiração: — "eu estava é mexendo co'aquella girafa, sim senhora..."

A saracura voltou-se, deu com a girafa que caminhava do outro lado da calçada, olhou-lhe as pernas e desatou a rir.

— Este garoto é o diabo, — quá, quá, quá! Mas tambem, não é para menos, pobre girafa! Eu ainda não tinha reparado, que pernas! Quá, quá, quá, quá, qua! E sahiu atraz da girafa: — "perna fina, ó perna fina!"

HOMENAGEM A UM POETA PAULISTA

A população e a municipalidade de S. Paulo homenagearam uma grande sensibilidade lyrica daquella terra, inaugurando, em Villa Marianna, uma linda praça, com o nome do poeta Rodrigues de Abreu. Menotti del Picchia, outro grande nome da intellectualidade bandeirante fez o elogio de Rodrigues de Abreu, tal como se vê na gravura acima.

A BAHIA NA CONSTITUINTE — Antes de regressar á Bahia, o capitão Juracy Magalhães, Interventor federal, naquelle Estado offereceu um almoço intimo á bancada bahiana na Assembléa Nacional Constituinte. A photographia acima foi apanhada durante essa reunião politica.

UM AMOR CEGO

Por FRANCISCA MAUBERT

— Doutor!... Doutor!...

— Vamos, Sta. Rosa Maria, vamos, não chore assim! — repetiu o medico, que estava inclinado sobre a moça — A Sta. faz muito mal em chorar.

— Pelo amor de Deus, Dr.! Deixe que eu me veja no espelho! Ao menos um segundo! Dê-me um espelho, Dr., por favor!

— Mas, Sta. Rosa Maria — insistiu o medico tentando inutilmente acalmal-a e evitar uma crise nervosa e novas lagrimas. — Lembre-se de que sempre me preoccupei com sua saude.

— Eu sei, Dr., e agradeço-lhe muito essas attenções. Mas é que... desde a noite passada... Que noite horrivel!... E esse despertar no dormitorio cheio de fumaça! Melhor fôra ter perecido nas chammas!

— Não diga isso, senhorita! Agradeça a Deus por tel-a salvado.

— Agradecer? A morte é mil vezes preferivel á existencia que me espera! Quando Guy voltar, que dirá vendo-me desfigurada desse modo? Como soffro só em pensar nisso!

— Olhe, seu caso é grave, não o occulto, não deve, porém, desanimar a tal ponto. O tempo e os bons cuidados operam milagres. Faça o que lhe aconselho, procure tranquillisar-se e verá como se dará bem.

A moça conformou-se. Com os olhos fechados, reviveu o ultimo passeio com seu promettido antes que este embarcasse para a India. Tinham encontrado uma mulher cujo rosto estava cortado por profundas cicatrizes. Guy virara a cara. E não é o que faria tambem, quando visse agora a noiva? Que horror!...

O facultativo partira. Na antecamara esperava-o o pae de Rosa Maria.

— Não me occulte nada, Dr.! Diga a verdade! como acha minha filha?

— Está fora de perigo — disse o clinico em surdina. Mas as queimaduras na cabeça e no rosto são tão graves, que ella ficará desfigurada.

Suspirando, o pae escondeu o rosto entre as mãos.

— Agora, é preciso — continuou o medico — que sua filha não se veja ao espelho! Nem um instante! Si ella vir as queimaduras, poderá enlouquecer.

— Minha filha, minha bella Rosa Maria! exclamou o pae, afflictissimo.

Deante desse homem torturado, que ainda hontem se orgulhava da belleza de sua filha unica, o medico comprehendeu que as palavras de consolo eram inuteis. Depois de apertar-lhe a mão, retirou-se.

Rosa Maria estava em seu studio esperando o noivo. Mas a volta delle, que antes tanto desejava, enchia-a agora de inquietações dolorosas. Rosa Maria esforçava-se valentemente por acalmar-se e serenar. Estava resolvida até a desmanchar o casamento, para que o noivo não viesse a soffrer com sua desgraça. Amava-o bastante para evitar-lhe desgostos.

A criada veiu annunciar a Rosa Maria que o capitão Guy Colville a esperava. A joven levantou-se, envolveu a cabeça num chale preto e desceu ao salão. Em frente á porta, deteve-se um momento, ajustou ainda mais o véu escuro a seu rosto desfigurado e, recobrando todas as suas energias num esforço supremo, entrou no salão.

Os pesados reposteiros verdes estavam descidos e Rosa Maria viu com grande allivio que a sala se encontrava na penumbra. Por que Guy não se ergueu para ir a seu encontro?

— Rosa Maria — disse-lhe com uma voz que denotava uma grande agitação. Venho cumprir um dever bem doloroso. Para falar, faltam-me as forças! E' que... Por causa desse lamentavel e irremediavel accidente, vejo-me na contingencia de quebrar o compromisso que assumi para com você.

O peor já havia succedido. Um suspiro, que parecia um grito, soltara-se dos labios da moça. Sem o ter ouvido, Guy proseguiu:

— Deves estar sciente... Deves ter ouvido... enfim... Sabes que soffri um accidente durante uma caçada, recebendo nos olhos uma carga de chumbo. Agora, estou curado, mas perdi a vista. Nunca me atrevi a dizer-lh'o. Estou cego, Rosa Maria! Nunca mais poderei admirar a sua belleza!

Rosa Maria ouvira-o sem comprehender claramente o que elle falava. O seu noivo estava cego!... Por isso não foi recebel-a... E ella que julgava seu amor extincto... De repente, a noiva enlaçou-se nos braços de seu amor, e Guy sentiu que algumas lagrimas rolavam sobre seu rosto.

— Não chore, Rosa Maria, não chore por mim! Não posso supportar tanta dor. Si soubesse com que pezar lhe digo: Você está livre!...

Guy tratou de desvencilhar-se daquelles braços.

— Escute, Guy!... Si, depois de contar-lhe uma coisa, você insistir em romper o seu compromisso, então lhe direi que sim, e você estará livre. No verão passado, o fogo destruiu a nossa casa de campo onde eu estava passando uma temporada. Por milagre é que me salvei, mas as queimaduras que recebi me desfiguraram por completo. Eu receiava que, ao me ver, você recuasse, horrorisado...

— Oh!... Eu não a vejo, meu bem, mas mesmo que a visse, continuaria a amar você.

Os dois se beijaram. Ella disse:

— Eu o amarei sempre... cada vez mais...

Os veranistas, todos os annos, notam, na praia de Miraflores, um par que nunca se mistura á multidão buliçosa dos banhistas. Ella, vestida com sobria elegancia, traz o rosto occulto num espesso véu negro que impede distinguir suas cicatrizes. Elle, alto, se apoia no braço da mulher e, com a bengala, segue a configuração do solo accidentado. Seus olhos não se fecharam, mas estão velados pelas trevas eternas. São elles: o capitão Guy Colville e Rosa Maria, sua esposa... São felizes, assim...

Eita, Brasil!
LETRA DE
JAYME D'ALTAVILLA
MUSICA DE
HEKEL TAVARES
Vivo
PIANO.
Muito marcado
Va-mos o-lhar nos-sa ter-ra Meu ma-no, A nos-sa ter-ra ca-
LENTO
-bo-cla, Meu ma-no, Ter-ra che-i-nha de fructa, Meu ma-no. Ei-ta, Brasil!
Vivo
Eh! bra-si-lei-ro! E-ta, Bra-sil!...... Eh! bra-si-lei-ro!
Para terminar
Eh! bra-si-lei-ro! E-ta, Brasil!...... Eh! bra-si-lei-ro! E-ta, Brasil!
Acorda de manhã cedo,
Meu mano,
Olha o solão cor de brasa,
Meu mano,
Oh! quanta gente no eito,
Meu mano.
Eita, Brasil!
Eh! brasileiro...
Bis
Farinha de mandioca,
Meu mano,
Ingá e banho no rio,
Meu mano,
E o aboio na serra,
Meu mano.
Eita, Brasil!
Eh! brasileiro...
Bis
Cavalhada nas coxilhas,
Meu mano,
Lua branca no terreiro,
Meu mano,
Desafio de viola,
Meu mano.
Eh! brasileiro
Eita, Brasil!
Bis

Molho e Condimentos

Por BERILO NEVES

"A comida é um pretexto para pôr em evidencia o tempêro..." (pensamento de um cozinheiro-philosopho, cuja bibliotheca são as caçarolas).

—o—

"O tempêro está para a comida assim como o rythmo para o verso; o ingrediente é secundario!" (um poeta da cozinha).

—o—

"A mulher sem graça é como xúxú: tem o gôsto do môlho que se lhe põe..." (um intoxicado alimentar)

—o—

Que seria do bife sem as batatas fritas?..." (pensamento de um vegetariano intolerante).

—o—

"Que seria das batatas fritas se não fôsse o bife?..." (idéas de um carnivoro exaltado).

—o—

"Quem casa com mulher feia precisa temperar muito bem a comida para não morrer á fome..." (principio alimentar de um homem mal alimentado).

—o—

"A couve-flôr é uma flôr que não teve sorte..." (uma florista que não come couve).

—o—

"Por que será que os homens brancos gostam tanto de galinha ao môlho pardo?..." (pergunta incolôr de uma cozinheira preta).

—o—

"O pimentão é um homem de mau genio. E' o marido da pimenta...

—o—

O **alho** é o noivo da cebôla. Quando elle fôr marido, já ninguem dirá que é o symbolo culinario da esperteza...

A pimenta do Reino é uma pimenta geniosa: continúa a ser monarchista mesmo depois da segunda Republica...

—o—

O **tomate** é um cavalheiro que gosa muito bôa saude, mas é de uma estupidez lamentavel... O tomate é um imbecil que usa camisa de sêda...

—o—

Não ha creatura mais acanhada do que a **beterraba**: feita em rodelas, na salada, ninguem diria que tem a alma tão dôce...

—o—

O **sal** serve para disfarça. falta de gosto das cousas que não têm gosto...

—o—

O **pepino** é um parente rico da melancia. Porque tenha havido um rei com esse nome, o pepino detesta a mêsa dos pobres... E' o rei dos presumpçosos... da cozinha...

—o—

A **batata** é uma phrase feita... do **menu.** Serve para preencher uma vaga de emergencia...

—o—

A existencia dos "ovos estrellados" é uma prova de que a astronomia é uma sciencia alliada da culinaria...

—o—

O **palmito** é o miôlo da palmeira: uma sensaboria, em summa...

—o—

Sua Excellencia, o Sr. **Azeite Dôce**... E' o diplomata da cozinha. Ajuda os outros a escorregar...

—o—

O **oleo de olivas** é o azeite dôce que se mette a sêbo.

O sal de cozinha, quando passa da sacca para o vidro, depois de bem lavado, exige que só o chamem "o **Sr. Chlorureto de Sodio!"**...

—o—

A **mostarda** não tem vocação para diplomacia: applicada, em **uso externo,** arde tanto que faz largar a pelle... Entretanto, para estomago de inglêz, a mostarda é mais suave do que uma laranjada...

—o—

Os **repôlhos** lembram essas senhoras gordas, que andam em bondes de 100 reis e occupam o lugar de 3 amanuenses magros: nunca hão de ser elegantes, por mais caro que se vendam...

—o—

E a **erva dôce?** E' o typo da creatura geitosa. Nunca fala mal de ninguem e sempre arranja o seu lugarzinho por cima do arrôz de leite...

—o—

O **cominho** é primo da erva dôce. E' um sujeito invejoso, que nunca ha de passar de simples cominho...

—o—

O **rabanête** tem bôa pele. E vive á custa disso, como certas damas...

—o—

A **azeitona,** que não é môlho nem condimento, não possue, por si só, existencia juridica: serve para encher os buracos dos olhos do porco assado. E' um enfeite posthumo, como as estatuas dos homens illustres. Nada mais...

—o—

A **canela** devia ser canonizada: é a bondade em pessôa. Disfarça o gosto ruim das cousas mais detestaveis da cozinha..

A VMA MILHA SOB

Quatro exemplares de peixe-lanterna.

Os "Chauliodus sloanei" que, si medissem 20 pollegadas de comprimento, seriam verdadeiros dragões.

O dragão (Lamprotoxus flagellibarba) cujos barbilhos são ás vezes maiores que elles proprios.

"MEU maior desejo era emprehender uma cruzada oceanographica, e eu a realizei, graças a Deus, depois de muito labor, tendo iniciado as explorações a bordo de um rebocador, que eu alugara na bahia de Hudson. Nessas pequenas excursões eu aprendi muitas coisas, que me serviram bastante em outras expedições. O governo britannico foi muito gentil para commigo, concedendo-me garantias e facilitando os meus trabalhos na ilha de Nonsuch (Bermudas), durante a expedição que ali levei a termo a bordo do "Arcturus".

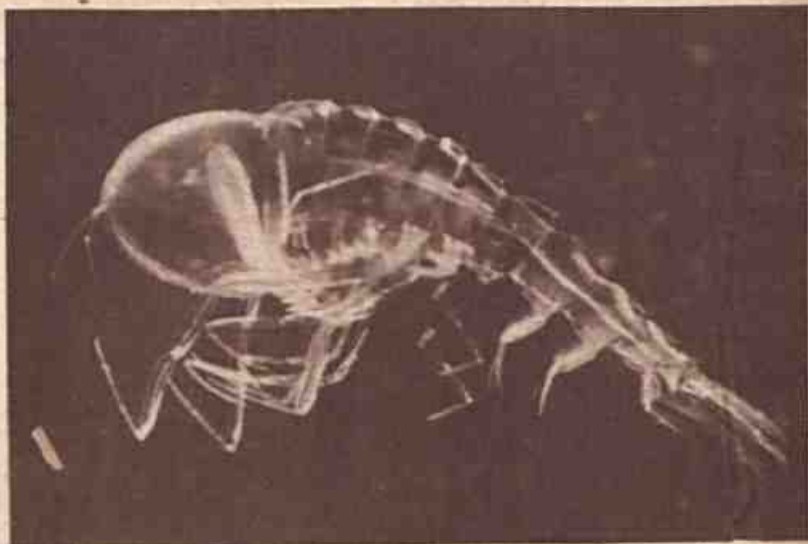
Passei naquella ilha cerca de tres annos a estudar com afinco e enthusiasmo, tendo sempre em mira a recompensa moral que havia de merecer do Departamento de Pesquizas Tropicaes e da Sociedade Zoologica de New York, onde me esperavam anciosamente duas grandes personalidades do mundo scientifico: Harrison William e Mortimer Schiff. No decurso desse triennio, eu effectuei duzentas e uma viagens e lancei a rêde tresentas e quarenta e quatro vezes, conseguindo uma pesca maravilhosa. Dos centenares de peixes e crustaceos que colhi varios eram ainda desconhecidos da Sciencia. Em sua mór parte, os peixes que habitam as profundas marinhas têm as guelras deslocadas e a capacidade de seus estomagos excede tres vezes as dimensões de seus corpos. Encontrei um sem-numero de medusas. Umas são tão transparentes como a propria agua e outras quasi que se não distinguem por serem da côr do mar.

As mais communs são as *Periphylla hyacinthina*: têm a forma conica e são innumeros os seus tentaculos. E' abundante, naquellas paragens, o numero de vermes de pequenas proporções e é assombrosa a quantidade de molluscos de varias cores. Dois calamares chamaram minha attenção pelo brilho extraordinario de seus orgãos visuaes, que são dois grandes globos providos de pequenas pupillas vermelhas mui brilhantes. O grupo de pequenos seres conhecidos sob a denominação de *Copepodes* é tambem abundante ali. Muitos delles nadam servindo-se de duas antennas, que se parecem com remos. Não são raros os camarões gigantescos, cujo tamanho em media é de seis a oito pollegadas. Uns vermelhos, outros brancos, delgados e desprovidos dos orgãos visuaes; outros ainda que se destacam pela magnificencia de suas côres variegadas e scintillantes. Os habitantes dos abysmos marinhos, ao contrario do que se suppunha, evoluiram em todos os sentidos, sendo difficil descobrir-se-lhes a origem remota. Os *Isospondyli* e os *Iniomi*, por exemplo, soffreram uma radical transformação nos orgãos dos sentidos e nos tentaculos. Os povoadores das ultimas

camadas oceanicas são geralmente carnivoros. Pelo menos, os que observei, a cinco milhas além das Bermudas, o são absolutamente. Uma das especies mais interessantes que se me depararam foi a dos **Stomiatoides**, que comprehendem innumeraveis individuos. Um é o **dragão**, cujo aspecto lembra os monstros mythologicos. Existem dragões pretos e

Cabeça de um dragão

O "Cystisoma", camarão gigantesco cujo corpo é transparente.

A ilha de Nonsuch vista do ar

compridos, que têm quatro series de orgãos luminosos, situados na barriga. Tive a satisfação de conhecer os **Astronesthes**, que se alimentam de peixes-lanterna. Curioso: a presença de peixes luminosos no estomago de um **astronesthe** póde ser distinctamente percebida através da sua pelle! Consegui apanhar o maior dos **Lamprotoxus**; media 8 pollegadas de comprimento. O Atlantico está cheio delles. Vivem nas regiões mais escuras dos pelagos, que elles illuminam, graças aos 190 focos incandescentes de que são providos.

O peixe conhecido pelo nome de **Mola** é enorme e disforme. O que pesquei tinha nove pés de comprimento e pesava mais de uma tonelada!

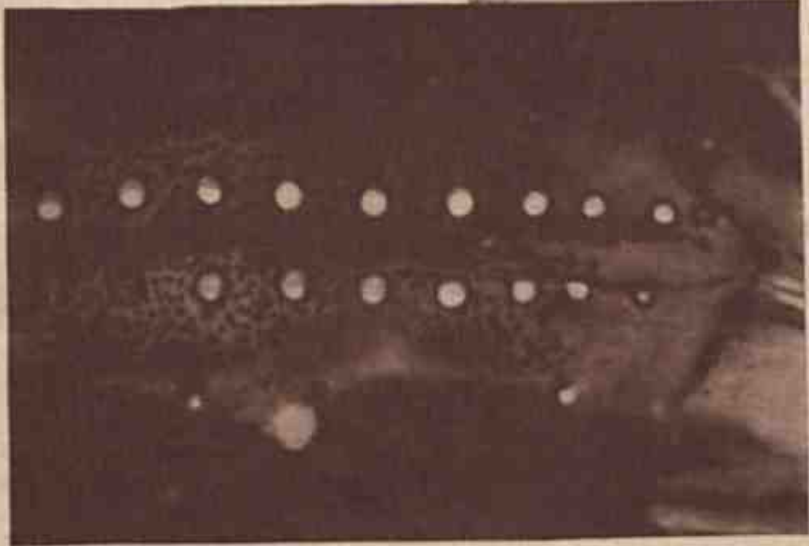
O **Linophryne arborifera** é o peixe que attingiu ao extremo desenvolvimento possivel como ser vivo. E' redondo e de côr escura. Tem dentes recurvos, tão grandes que impedem a bocca de fechar-se totalmente.

O ultimo peixe de que farei menção não se póde incluir no grupo dos monstros fabulosos, mas não deixa de ser um phenomeno.

E' um peixe preto, de quatro pollegadas de comprimento, cujo corpo, semeado de espinhos, é bizarro em suas formas.

Seus dentes são movediços, podendo gyrar de um para outro lado! E isso não é nada ainda! Do centro da cabeça surge um tentaculo em forma de anzol com que aprisiona as suas victimas".

E eis um rapido resumo do que contou á Imprensa de seu paiz o Sr. W. Beebe.

Os focos luminosos do "Cyclothone", um dos especimens mais curiosos da fauna marinha

PROMETHEU

TEXTO E DESENHO DE F. ACQUARONE

(ESPECIAL PARA "O MALHO")

— Agora, o Senhor!...

E o alumno, um pequeno de carinha timida, apontado pelo mestre, erguia-se da cadeira e encaminhava-se para o quadro negro.

— Escreva os nomes dos estados do Brasil!

O garoto tomava do giz e, parando a cada palavra para um apello á memoria, ia desenhando em letras desiguaes: Amazonas, Pará, Maranhão...

A classe sussurrava os nomes todos, na ordem topographica em que os apprendêra.

O professor, sobrando de gorduras mas de rosto pallido martellava a cabeça no ar, numa approvação muda de pendula; e lançava sobre o rebanho um olhar ameigado de myope vitalicio...

Lá fóra andava um diluvio de luz, innundando de côres vivas a ramaria espessa, o casario caiado de branco, a estrada, o campo e as montanhas ao longe.

Em cada angulo de janella a paizagem se desenhava forte e precisa, sem meias tintas envolventes, marcada em massas distintas de sombra e luz.

— Prompto, "seu fessô!"

E o mestre, já agora, com o olhar mergulhado na tontura do sol, nem siquer ouvia o pequeno que terminára o enunciado dos Estados do Brasil.

Um casal de pardaes varou o ambito ensombrado da sala; e, num chilreio alegre cruzou as paredes da classe enchendo o ar de uma algaravia estridula.

Saccudido do torpor o velho mestre endireitou-se na cathedra; a petizada, que acompanhára as evoluções rapidas as aves, rebentou em risadas francas, rasgadas. E não houve geito de acalmal-os, tão cedo.

* * *

Ha trinta annos já que Hyppolito Caminha se entregára ao magisterio. Orphão desde pequenino, educado em casa de um tio solteirão, que lhe puzéra a cartilha nas mãos, entrou na vida, cedo, ainda, amparado em si mesmo.

Aos oito annos decifrava o alphabeto, as syllabas e depois as palavras.

Tio Cornelio, mestre marceneiro nas officinas do antigo Arsenal de Marinha, arrastando com o peso de um aneurisma dentro de um esqueleto mal coberto, chegava sempre tarde, para a sopa que a preta Christina preparava durante o dia.

A' noite, na salinha mal aclarada daquella casa, perdida em um canto distante de suburbio, o Hyppolito Caminha bebia soffregamente os rudimentos das primeiras letras:

— B - o - i, boi! Le - ve a bo - ti - ja ao lu - me...

E tio Cornelio, com paciencia monastica ia apontando, no syllabario, as palavras que penetravam na cabecinha do pequeno, illuminando-a com uma luz estranha... E ao passo que os olhinhos de Hyppolito mais e mais se abriam para a ladeira ampla da sabedoria, os do tio Cornelio fechavam-se, sob ás imposições do cansaço e da dispepsia que o prato de sopa acarretava, despoticamente, ao cabo de duas paginas, era certo:

— Bem, por hoje chega. Vá estudando. Tu não "é" burro, não!

E ia dormir.

Hyppolito Caminha estudava ainda até cabecear tambem. E foi aprendendo.

* * *

Aos quinze annos lia tudo o que lhe parava nas mãos. Gostava mesmo de saber, o diabo do pequeno!

Só, com o tio Cornelio, — a negra não existia mais! — cuidava agora dos arranjos internos. "Dava um geito" em tudo; lavava até as marmitas da pensão que uma vizinha fornecia, a trinta mil réis por mez.

O velho, mais acabado sob o peso do aneurisma, já se erguia a custo para o "batente", como elle mesmo dizia. Hyppolito, nas folgas, continuava lendo... Lia jornaes velhos, revistas, almanaques de drogas medicinaes.

Aos domingos, quando fazia sol, após o almoço, lá ia o velho giboiar numa esteira esfiapada, sob a jaqueira enorme do quintal; e o rapaz, sentado ao lado, lia em voz alta, as historietas dos annuarios de elixires e gottas miraculosas.

Desvendava os horoscopos e o segredo das pedras e dos signos.

Aquillo divertia o velho que tomava a serio a lenga-lenga: "As pessoas nascidas em Agosto, são dotadas de um temperamento vibrante, cheio de impetuosidades e gestos violentos. Nasceram para dominar. (Tio Cornelio nascera em Agosto!) Devem por isso mesmo..."

E o pequeno suspendia a leitura para deixar passar o trem expresso nos fundos do quintal, e cujo apito longo lhe abafava a voz.

Depois proseguia; mas o auditorio, dominado pela dispepsia "braba" do feijão mulatinho, — paio, carne secca, etc., — dormia já, sob o beijo sereno da aragem e o chilreio alacre dos tico-ticos...

Certa noite, durante uma invernada rigorosa, de lama e de chuva, tio Cornelio voltou para casa, suffocado de asthma e com uma novidade alarmante:

— Rebentou a revolta na Ilha das Cobras! O arsenal está em pé de guerra!...

Hypolito nem ligou á noticia. Que lhe importavam lá a revolta e o pé de guerra?! Essas cousas não o abalavam.

Mas abalaram o tio. No decurso da noite, com o peito chiando e apiançado, o velho soffreu sobresaltos e despertava de instante a instante, gritando: "Rebentou a revolta! Rebentou a revolta!!!

De madrugada, rebentava-lhe tambem o aneurisma...

* * *

Aos vinte e cinco annos, Hyppolito Caminha estava casado, vivendo em S. João da Matta, no interior de Minas.

Lecionava primeiras letras em um curso vagabundo, dirigido por dois padres italianos e installado na praça principal com vista para o jardim do coreto.

Como noivára e casára, nem elle mesmo o sabia.

Fôra envolvido em uma trama ardilosa de amabilidades em casa de uma familia de costureiras, onde elle encontrava o ambiente morno de um lar que sempre lhe faltára.

Conversava com a moça. Sentia-se bem, no derivativo das longas palestras rematadas sempre no matte queimado com pão.

Começaram a falar as más linguas; e, num domingo de Paschoa, o velho chamou-o ás falas: Era preciso — que diabo! — acabar com "aquillo", fazer correr os proclamas!...

Hyppolito concordou. Seis mezes depois estava atrelado.

* * *

Foi lá mesmo, em S. João da Matta que o Alfredinho vira a luz do sol.

Nasceu no mesmo dia em que ficava orphão de mãe.

Após o parto doloroso e difficil, — culpa da impericia da parteira e da fraqueza organica da parturiente — ficaram apenas os vagidos debeis que sahiam do arcabouço fragil do Alfredinho.

Hyppolito Caminha soffreu que nem um Christo! Andou até meio-abobado durante mezes...

Quando voltou a tomar conta de si mesmo, verificou que era viuvo e pae de um mulambinho que chorava, chorava sempre...

Começou a trabalhar novamente. A creança, foi-lhe aos poucos, preenchendo os vazios da vida...

Com um anno apenas, e era o seu carinho, o seu tudo.

Fazia gosto vêr-se então, o Hyppolito Caminha.

Já bem disposto, enxundioso mesmo, tomava o garotinho nos braços, e ia desageitado e lerdo, para lá, para cá, cruzando o quarto e entoando uns restos de *berceuses* que lhe acudiam á memoria como farrapos de saudade:

"Seu bicho papão
Sáe de cima do telhado..."

E descia sobre o fedelho, um olhar de nazareno, banhando-o com uma placidez de luar...

Alfredinho cresceu, papagueou os primeiros monosyllabos, teve coqueluche, sarampo, vacinou-se, mas... não andou.

Dois, tres annos, e as suas perninhas não se moviam. Cinco, seis annos e... nada!

Hyppolito Caminha se já era bom, chegou a ser sublime! O seu desvelo crescia com os annos que se accumulavam na edade do paralytico. Este, — é logico: — agarrava-se tambem ao pae.

A maior ventura de Hyppolito era voltar do curso, para beijar o filho; e a do filho, era esperar a volta de Hyppolito para poder beijal-o...

E a vida corria assim. O menino chorava abertamente; o pae soluçava ás escondidas...

Certa dia, em data de feriado nacional, o ar se encheu de tambôres e clarins. "Plan-rataplan plan-plan!" Um bruto alvoroço! Hyppolito estava mergulhado nas "lendas mythologicas"; fechou o volume e ia ver o que era.

— Papae, papae; eu tambem quero ver!....

Hyppolito estacou.

— Me leva, papesinho! Me leva!

— Está bem, meu filho; te carrego.

E carregou-o. Ficou meia hora, sustentando-o nos braços, plantado de pé, deante da janella.

A creança debruçou-se; sacudia os gravetinhos, applaudindo o batalhão. De volta ao leito, após depor o filho nos travesseiros, Hyppolito sentiu um apertão no peito. O esforço fôra demasiado....

— Papae! Quando crescer, eu quero ser soldado, sim? Quando puder andar, não é?...

— E', meu filho.

E Hyppolito, já enfronhado de novo na leitura, correu este paragrapho:

"...e Prometheu, acorrentado ao rochedo, levantou o olhar aos céus azues, na ansia de libertar-se um dia para a consecussão de seu ideal de liberdade..."

Hyppolito, cansado do esforço de ha pouco, baixou a cabeça e adormeceu...

E viu Prometheu, tornado pequenino, o corpo muito magro e com as perninhas presas, não em um rochedo, mas numa cama estreita de ferro, levantar os olhos claros ao céu, e dizer em voz branda: — "Quando crescer, meu pae, eu quero ser soldado..."

* * *

Hyppolito Caminha era o typo do professor camarada. Bondoso, tolerante, transigia sempre com as faltas da petizada. Vinham dahi os abusos; cousas de crianças...

Mettiam-no em ridiculo. A sua gordura suinesca, então, é que era o gozo! Riscavam-lhe a caricatura nas paredes; tal qual um porco. Até o rabinho torcido, lá estava.

Hyppolito sorria a tudo, tristemente, resignadamente. Não achava uma palavra aspera para dizer.

O seu "não quero brincadeiras na aula" era tão blandicioso que a garotada redobrava de abuso.

Um delles, imitava o mestre, engrossando a voz: — "Não quero brincadeiras na aula!"

Certa vez, um pequeno muito vivo, chomou-o de hippopotamo.

O appelido pegou. "Hippopotamo, hippopotamo!"... Nunca mais se dirigiram ao mestre de outra forma.

— "Seu" Hippopotamo, posso ir lá fóra?

E quando elle os chamava:

— Prompto, "seu" Hippopotamo!

Hyppolito aceitou o novo baptismo, nazarenamente, sem protesto, sem zanga, entregando a outra face. O seu grande, o seu immenso soffrimento, isolava-o de tudo, ensimesmando-o. De resto, gostava de creanças. O seu absorvente affecto pelo filho abrangia todos os pequenos do mundo, cobrindo-os com um grande pallio de bondade. Tinha, aliás, uma fé implicita em que isso talvez, poderia redimir algum dia o seu filhinho da pena que soffria.

E a garotada judiava. A cousa chegou a ponto de lhe rasgarem o palitó e lhe roubarem os oculos. E elle sorria.

— Não quero brincadeiras na aula...

U'a manhã a classe alvoroçou-se toda.

— O Hyppopotamo tem um filho!

Fôra o Jorge, alumno do segundo anno o portador da noticia.

— Eu vi; passei pela casa delle hoje de manhã e vi o garoto. Disse que era filho do professor!

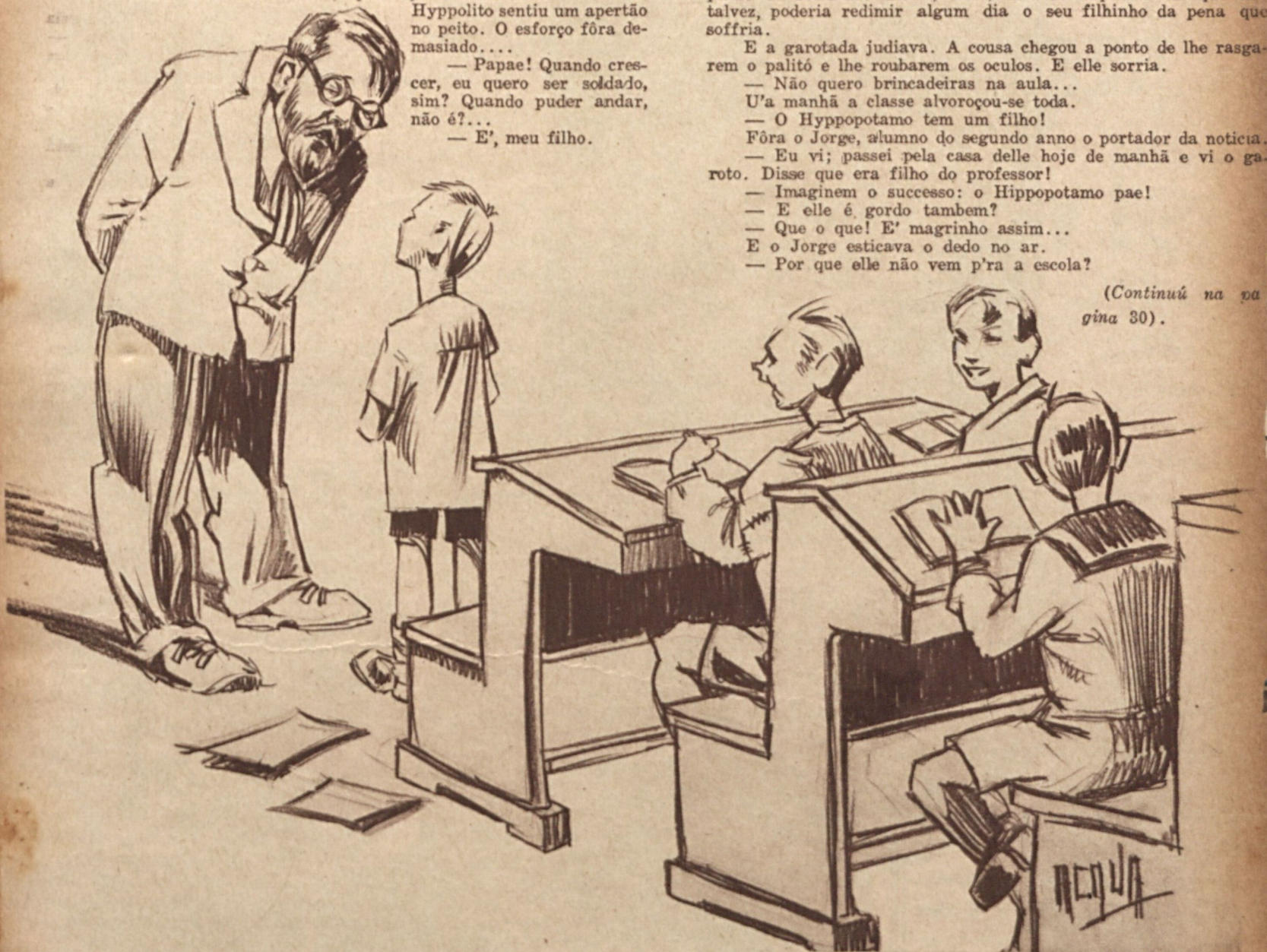
— Imaginem o successo: o Hippopotamo pae!

— E elle é gordo tambem?

— Que o que! E' magrinho assim...

E o Jorge esticava o dedo no ar.

— Por que elle não vem p'ra a escola?

(*Continuú na pagina* 30).

Novos Astros Paramount

Ida Lupino

Charlotte Henry

O novo ano cinematographico destacar-se-á pelo triunfal lançamento de uma multidão de astros novos todos superiormente dotados. Entre as figuras novas na constelação da Paramount estão Ida Lupino, delicioso tipo de ingenua; Charlotte Henry cuja atuação em "Alice no Paiz das Maravilhas" está sendo a rumorosa surpresa do momento nos Estados Unidos; e Dorothea Wieck, verdadeiro crack que no film "Filha de Maria" empolgará o publico conquistando um logar honroso entre os grandes nomes estelares. Pobres fans! Quantas paixões novas!

Dorothea Wieck

O Unico Amor Fiel

Sheila Terry

O maior inimigo do homem é a mulher, e da mulher é o homem; o maior amigo de ambos é o cão. Ha esposas que passam muito bem sem o marido mas que por cousa alguma do mundo se separariam do seu cãosinho. Ha maridos que se sentem mais felizes junto do seu cão que junto de sua mulher. Sheila Terry, uma das mais galantes artistas da Warner Bros, posando no jardim rustico de sua confortavel vivenda para O MALHO com o seu inseparavel — disse-nos: — Que pena que os homens não sejam cães! William Powel, o querido galã da mesma vitoriosa marca, tambem posando para nós teve esta frase referindo-se ao seu maior afêto: —

Esta é a unica fidelidade em que os homens podem acreditar! E Bette Davis, fascinante estrela da mesma Warner Bros, toda entregue a minuciosa toilette natural do seu lulú, assim se expressou: — Quando se diz de um homem — é um cão, o ofendido é o cão... Registrem-se as frâses mas é bem possivel que nenhum dos tres tenham dito cousa alguma...

William Powell

Bette Davis

Tambem na fria Albion...

ESTA é Pamela Ostrer, a form[osissima] filha de um do[s] directores da Gaumont-Br[i]tish e conseguintemente figura [de] grande destaque social em Londr[es] e que acaba de ingressar nos est[u]dios de Sheperd's Bush como estr[e]la da grande empreza britanic[a]. Sua beleza magnifica, seu talen[to] real asseguram-lhe porvir dos ma[is] radiosos. Vê-la-emos no Rio?

Pamela Ostrer

A Fox vai jogar forte...

A Fox renova a[s] suas forças e f[az] descobertas sensaci[o]naes. Nos filmes para [a] temporada de 1934 v[...] remo[...] cratu[...] rinha[s] de enlouque[cer] que são ar[tistas] da mui[to] alta valia. Aqu[i] damos em pri[meira] mão, tres das mais form[osas]: Dixie Frances, tipo [...] brasileira talvez por influe[n]cia do chapelão de palha de caipira; Rochelle Hudson, de bonitos olhos claros e grossos labios sensuaes; e Irene Bentley, beleza cl[as]sica, que se tr[aja] com elegancia [i]mprensivel e represe[n]ta tão bem como qu[al]quer mulher na vi[da] real. Pobres fan[s]! Vão morrer de amo[r]...

Irene Bentley

Dixie Frances

Rochelle Hudson

Maestro Sylvio Piergile, um dos directores da Empreza Artistica Theatral Limitada.

AS TEMPORADAS DO THEATRO MUNICIPAL

EM decreto recente o Interventor do Districto Federal prorogou a concessão feita á Empresa Artistica Theatral, para occupação do Theatro Municipal, por mais tres annos. Essa medida agradou porque será a garantia de que o publico continuará a ter, por algum tempo mais, espectaculos excellentes, de alto valor artistico, como os que assignalaram a temporada deste anno.

NOVOS ENGENHEIROS

O joven engenheiro civil José Pacheco da Veiga, que foi um dos mais brilhantes da turma que vem de collar grau em nossa Escola Polytechnica.

O COLLEGIO PEDRO II TEM NOVO DIRECTOR

A posse do Dr. Fernando Raja Gabaglia na direcção do Collegio Pedro II teve um caracter solemne e festivo, de que participaram não só as altas autoridades do Ensino, nesta capital, alumnos daquelle estabelecimento de instrucção, mas tambem professores e grande numero de familias. Na photographia acima vê-se um aspecto da assistencia e um flagrante da mesa que presidiu esta solemnidade.

"O MALHO" E O CARNAVAL

Não temos mais duvida de que será coroado de um successo integral, o concurso promovido pelo O MALHO para escolha dos melhores sambas e marchas do Carnaval de 1934.

No proximo numero, faremos a publicação, novamente, das bases do referido concurso.

Assim, o art. 8º ficará redigido da seguinte forma: — A' Empresa d'O MALHO ficarão pertencendo as composições premiadas em 1os e 2os logares, tão sómente para o effeito de edital-as para piano".

O MALHO ultrapassa, deste modo, a espectativa dos concurrentes do seu grande certame, o primeiro, no genero, que se realiza entre nós, não só pela originalidade da sua organização, como pelo numero de premios, com que se procura corresponder ao esforço dos nossos artistas que emprestam tanto brilho e encanto ao Carnaval carioca.

NO INSTITUTO NACIONAL DE MUSICA

Manifestação e hora de arte á maestrina Joannidia Sodré, por occasião do encerramento das aulas do anno lectivo.

A FESTA DA CHUVA

As charrúas abriram na terra escaldada e deserta
Um sulco profundo que foi lá no fundo das suas entranhas.
E a terra com o beijo das chuvas, sorrindo, desperta,
Das chuvas que rolam das nuvens pesadas como altas montanhas.

Desperta e de cada ferida do seio ferido e sangrento
Irrompe o milagre da fôrça da terra com as fôrças humanas.
E agora perpassa, volátil e tênue, nas crinas do vento,
O frêmito verde dos verdes penachos pendentes das canas.

O arrôio pequeno na sua pequena e tranquila humildade
Encheu de repente, quebrando as algemas das margens serenas,
E abriu-se num rio tão longo que foi de cidade em cidade,
Levando no beijo das águas consôlo pra todas as penas.

E as árvores vierem com as frondes pingando de gôtas, na louca
Na viva alegria da chuva sonora que o vento espadana...
E veio a mais linda morena da terra com um beijo na bôca,
Tão doce que até parecia rolete de cana-caiana.

E veio o Ceguinho da Feira com os olhos lavados, sorrindo,
Bem sabe a alegria que ondula na terra molhada e florida.
Seus olhos não vêem a chuva, mas sentem a chuva caindo . . .
Seus olhos não vêem a vida, mas sentem a graça da vida.

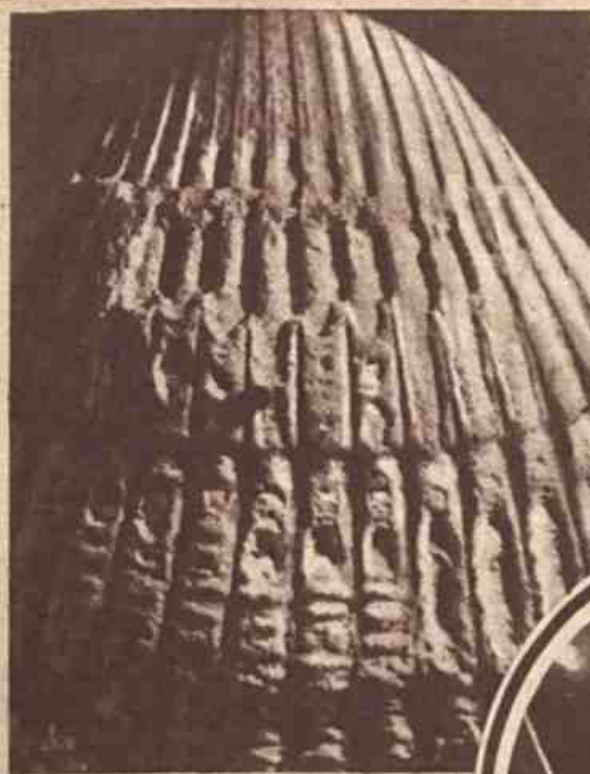
E vêm os vaqueiros, de roupa de couro, rasgando a paizagem,
Na doida corrida, baixando, subindo, momento a momento,
Os corpos são sombras que passam, que fogem na fúria selvagem
Dos pôtros nervosos que apostam carreira, correndo com o vento.

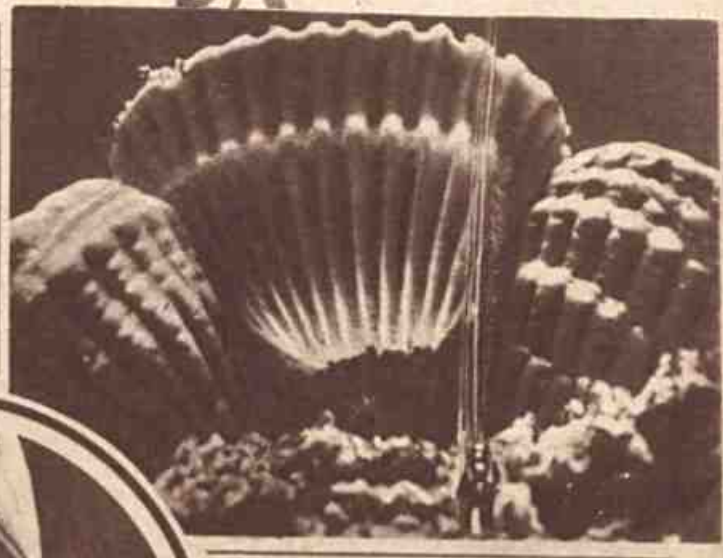
E vêm os Senhores-de-Engenho piscando os olhinhos de cobra,
Chapéu colonial na pequena cabeça de côco velado,
Burrice de sobra, dinheiro de sobra, maldade de sobra,
A' custa do pobre que súa na enxada, limpando o roçado.

E vem esquipando no seu "Rompe Nuvem", do lado da serra,
O filho do Chefe, bonito e garboso, vendendo saúde.
Assalta as choupanas, deshonra as mocinhas, é dono da terra.
Se apanha de jeito ladrão de cavalos, afoga no açude.

Apeia da sela, batendo o rebenque na bota vermelha
Não olha, não fala. Caminha gingando, calado e sisudo.
E a linda morena mergulha seu corpo cheiroso de ovelha
Nos olhos do moço garboso e bonito que é dono de tudo.

E a chuva visguenta caindo na terra batida e transida
Espalha os cabelos, os eitos lambendo, varrendo a planura.
Aos olhos do pobre: "trabalho penoso . . . Que vida! Que vida! . . ."
Aos olhos do rico: "Que safra bonita! Começa a fartura!"

OLEGARIO MARIANNO

A VISÃO DA MOSCA

Diante dessa visão, o leitor talvez imaginasse contemplar a cupula de um templo, remanescente mysterioso de civilizações immemoriaes, quando na realidade nada mais é do que um exemplar de concha marinha visto por uma mosca.

Eis ahi uma deslumbrante scena submarina, em que nem faltam a grandiosidade e o esplendor das auroras boreaes. Um mundo estranho onde o escaphandrista acredita palmilhar o paiz das fadas. Infelizmente não passa tambem de conchas marinhas transluscidas e illuminadas interiormente.

O homem que observasse o mundo através dos olhos de uma mosca, veria, por baixo, o sapato de uma mulher como se fôra um arco gigantesco e difficilmente se convenceria de que aquella immensidade servisse apenas de supporte ao pé de um sêr descommunal, pesando, comparativamente, milhões de toneladas.

SUPPONHAMOS, leitor amigo, que em virtude de um phenomeno maravilhoso qualquer, encantamento, magica, feitiçaria, ou coisa que o valha, você se visse subitamente diminuido de volume e reduzido ao tamanho de uma mosca. Qual seria o facto mais importante a notar nessa transformação? A physionomia do universo modificar-se-ia extraordinariamente aos seus olhos. Entraria de subito num mundo estranho, differente. Outras seriam ao seu olhar maravilhado as maravilhas da creação. O seu relogio de algibeira, por exemplo, se tornaria tão volumoso quanto uma cathedral. Todos os seres objectos, por mais minusculos, tornar-se-iam grandes, imponentes, magestosos. Essas affirmativas estão photographicamente provadas pelo astronomo e naturalista Lucien Rudeaux.

Para habilitar-nos a um correcto senso de proporção, vejamos, por exemplo, as gravuras que illustram esta pagina:

Aquelle audacioso cavalleiro que galgou o pico de uma rocha e contempla impassivel a penedia corroida pela acção da agua no decurso das éras, é apenas uma figura do tamanho de uma mosca collocada sobre um pedaço de madeira velha e roida pelo carcoma.

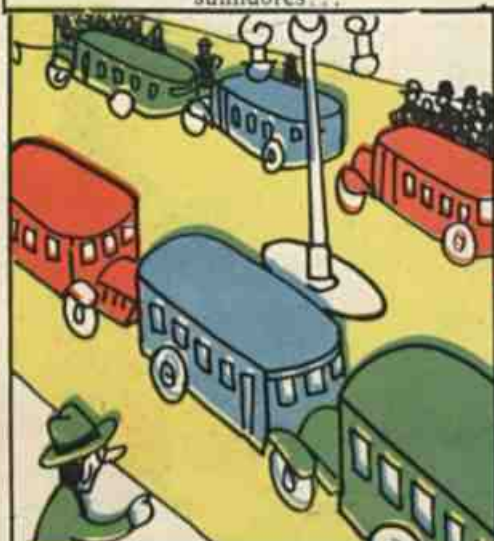
Sobre uma floresta espessa, arvores gigantescas, com uma unica folha, erguer-se-iam aggressivas contra o sol, fazendo pensar em vegetações fantasticas de outros periodos geologicos, e não em debeis folhas de narciso, humillimas, vergando os colmos delicados por sobre a relva rasteira

Deter-se-ia diante dessa geleira, contemplando-lhe a superficie convulsa, as cristas alvinitentes, os abysmos sem fundo, o que, aliás, aos olhos dos outros homens não passa de um fragmento de uma velha concha de ostra.

ACREDITEM OU NÃO...

POR STORNI

Um desgraçado chefe de familia implorando a um fogão **economico** (?) que não gaste mais de 100 metros cubicos afim de ser classificado na categoria dos pequenos consumidores...

Na revolução cubana, muitos estudantes suaram sangue para collarem o **gráu** San Martin...

Na Avenida Rio Branco não se pode quasi transitar... Porque os omnibus fazem continuamente "parede"!...

Uma senhora em Curytiba ao tratar de um dente enguliu uma bróca! O dentista se salvou por milagre pois quasi é engulido tambem!

Um barbeiro em Paris ganhou a sorte grande de 5 milhões de francos. Isso é que se chama um barbeiro segurar a sorte pelos cabellos.

No outro dia na Central quizeram fazer uma experiencia de resistencia de material. Uma machina com toda força entrou pela cauda de um trem parado na Mangueira. A experiencia ficou prejudicada porque o trem atropellado estava repleto de passageiros...

Em França appareceu um mendigo que fôra millionario. Si quizer ficar millionario outra vez que venha ao Brasil pedir esmolas...

O Chefe de Policia de Buenos Aires que esteve aqui, declarou que, para acalmar as **torcidas** nos campos de foot-ball, tem usado com successo mangueiras de apagar incendios. Optimo para ser applicado aqui!

DE TUDO UM POUCO

FRAZES
(PADEREWSKY)

— Existem fortunas sem felicidade, como existem mulheres sem amor.

— A ociosidade em certos espiritos representa fastio da vida, noutros o despreso que por ela sentem.

— O homem não gosa senão de limitada liberdade, liberdade de segunda ordem. Exemplo: é livre de escolher um prato, mas não póde deixar de comer.

— A ironia é uma forma de sinceridade.

— Existem virtudes que só podemos exercer quando ricos.

NOTA CINEMATICA

Marlene Dietrich, de regresso da Europa a Hollywood, tem despresado o traje masculino que, antes, tanto a seduzira, e em Paris fôra motivo de intervenção da policia de costumes.

\+ + +

Fifi d'Orsay, da França, encontrou o marido ideal na figura de Maurice Hill, de Chicago: qualidades fisicas, moraes, e dinheiro muito...

Moderna guarnição de janela

A PRIMAVERA

Vai-se a primavera.

Este simples enunciado do tema bem mostra a dificuldade do comentario.

Hoje em dia o que se exige de quem escreve é a originalidade.

A elegancia, a clareza, a sensatez, a utilidade, tudo isso é dispensavel.

O que se precisa é ser original.

Ora, a primavera é dos assuntos batidos, um dos mais batidos.

A "bela estação das flores" é uma qualificação velhissima.

Surrou-a, anos e anos, o "Tim tim por tim tim" em varios palcos daqui e dalém mar.

Cantarolou-a uma petizada que já emplumou ha muito, e agora com a garotada de hoje trocou aquela rançosa decrepitude pela novidade fresquissima do samba.

A comparação com a juvenilidade já nem se anima a sair á rua.

De pau na mão, tropega, catacega, semi-surda, caduca esconde-se, aposentada, em poeirentas estantes.

E outras, e outras, no "otium cum dignitate" a que fizeram jús pelo muito que serviram.

Não se póde dizer da que nos vai deixar que foi quente como um verão torrido, não porque seja uma inverdade (isso não teria importancia) mas porque já, muitas vezes, pelas mesmas palavras, se tem dito do mesmo fáto, com mais ou menos razão.

Em falta semelhante incorreria quem a comparasse, numa irritação de reumatico desejoso de dias secos, de forte soalheira, a um inverno polar.

Cousa singular, entretanto, e de grande felicidade para esta cronica: é possivel ser original e dizer a verdade.

Basta confessar que a primavera foi o que devêra ser — temperada.

Parece que de nenhuma outra não houve por aqui quem tal dissesse.

Teve dias azues, lindamente azues, e dias cinzentos.

Ha quem entenda que melhor fôra todos azues, mas tambem ha quem prefira os cinzentos.

Porque ha de ser o azul mais bonito do que o cinza?

Preferir este já dá um destaque de certa originalidade, e isso não é pouco.

Uns ou outros o que, na realidade, são é meramente sugestivos.

Quem guarda agradavel recordação de dias felizes, alegres, dias de mocidade, de amor, passados sob céos pouco luminosos, gostará dos dias cinzentos.

E por identidade de motivos, os azues têm os seus apreciadores.

Mas, ainda que assim não fosse, o papel dos cinzentos não deixaria de ser consideravel.

Seria o do — contrario — sem o qual nada se póde conhecer.

Para se saber que um dia é azul é preciso ter visto outros não azues, e só isso dá aos cinzentos grande relevo.

Emfim tudo uma questão de gosto, de preferencia, que leva alguns a *preferir* ambos, os azues e os cinzentos.

Pois é essa filosofica primavera, que se vai, deixando saudades e a Constituinte que não parece resolvida a imitá-la — a ser tambem temperada.

A. DE M.

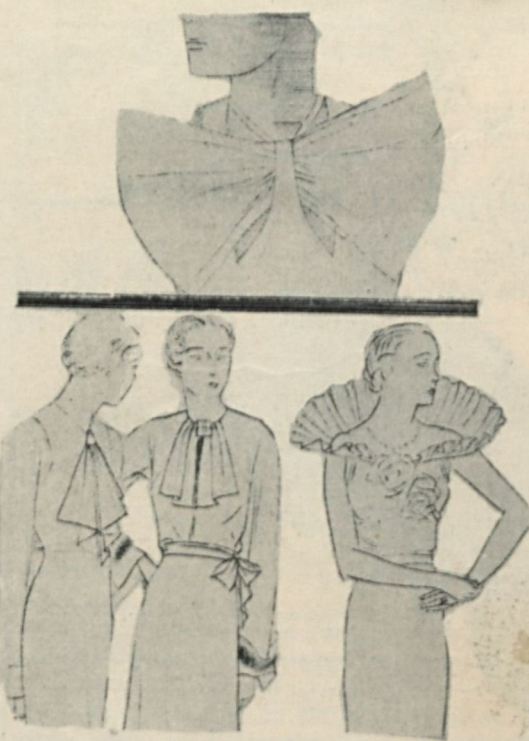
ACCESSORIOS NA MODA — Chapeu pospontado, bolsa de camurça, sapato com laço.

P R E C E
(OLAVO BILAC)

Durma, de tuas mãos nas palmas sacrosantas,
O meu remorso. Velho e pobre, como Job,
Perdendo-te, a melhor de tantas posses, tantas,
Malsinado de Deus, perdi... Tu foste a só!

Ao céo, por teu perdão, a minha alma, que encantas,
Suba, como por uma escada de Jacob!
Perdi-te... E eras a graça, alta entre as altas santas
A sombra, a força, o aroma, a luz... Tu foste a só!

Tu foste a só!... Não valho a poeira que levantas,
Quando passas. Não valho a esmola do teu dó!
— Mas deixa-me chorar, beijando as tuas plantas,

Mas deixa-me clamar, humilhado no pó:
Tu, que em misericordia as Madonas suplantas,
Acolhe a contrição do mau... Tu foste a só!

Como se guarnecem as blusas.

A Immaculada

A Christandade celebra, amanhã, entre pompas lithurgicas e commemorações solemnes, a passagem de mais um anniversario da definição dogmatica do privilegio augusto da concepção, sem mancha, da Virgem, a Corredemptora, a Mãe de Jesus. E' o Dogma da Immaculada, proclamado, em Roma, ha mais de meio seculo pelo Papa Pio Nono, o grande. Antes, porém, de ser dogma, já era crença universal, desde os primeiros tempos, do Christianismo. E crença firmada nas almas, radicada nos corações. Que a progenitora do Christo, o puro por essencia, em momento nenhum da sua vida, desde a sua concepção, esteve sempre isenta de culpa, extreme de defeitos, jámais se poz em duvida, na Egreja Universal.

"Falando-se de peccado, não se entende alludir á Maria, á Mãe do Salvador" — resumia, assim, o pensamento commum o egregio doutor sagrado, Santo Agostinho, a luz mais fulgurante da Egreja Latina.

Que a Virgem ficou á margem do caudaloso rio da vida, sem se macular com os detritos da torrente impura, foi sempre a crença generalizada, de extremo a extremo, no mundo da Fé e no mundo da Historia Eclesiastica.

Lacordaire, entre os clarões e chammas da sua eloquencia, denominou-a "a omnipotencia creada a que se sobrepõe, exclusivamente, a Omnipotencia increada, que é o proprio deus, a Substancia divina".

Bossuet, outro verbo immortal, imaginou-a um christal sem jaça, com o brilho solar, sempre no zenith.

As Letras Santas, que contêm o sôpro da inspiração divina, vestem a Virgem naquella roupagem de esplendor de sol, com estrellas como dialema, com a lua como sandalias. O genio de dante, nos tercetos de ouro, considera a Senhora como a sublimação da especie humana á gloria alçada.

Murillo immortalizou-a naquella ascensão incomparavel, entre coros de anjos, entre theorias de serafins.

Ora, tal creatura, que sómente as culminancias exprimem e descrevem, não podia deixar de ser accrescentada pelo Eterno com a aureola de Immaculada.

Ella mesma assim se denomina, quando, em **Lourdes,** na celebre gruta, surge, miraculosamente, á vista deslumbrada de Bernadette Soubirous — "Quem sois vós, Senhora?" indaga a pastorinha, no auge do assombro ante aquella visão indescriptivel de uma creatura, jamais comparavel a qualquer humano, tamanha era a formosura, tamanho o fulgor, que irradiava de si.

"Eu — responde a visão maravilhosa — sou a Conceição Immaculada: "Je suis l'Immaculeé Conception." Bello **endroit!** Em baixo, o rio Gave, no alto o cimo do Pyreneos, cavados de abysmos profundos, sussurante de regatos mysteriosos, orlados de florestas densas, sombrias, colossaes! Formoso altar, aquelle, em que a Senhora, annos depois da definição do dogma da sua concepção, sem mancha, confirma a verdade pelas proprias palavras!

Sim, Immaculada! Bem merecia Ella o privilegio, não sómente por ser mãe de Jesus, o Puro, o Perfeito, o Justo; mas tambem, por ser Mãe da Humanidade, refugio dos desgraçados, asylo dos infelizes. Salvé, Virgem purissima! Avé, rainha da bondade, imperatriz das graças, princeza da misericordia!

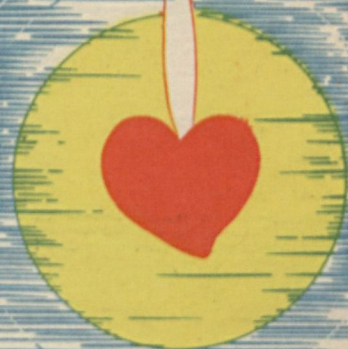
Assis Memoria

EU TENHO MEDO DA FELICIDADE...

(Illustração de Fragusto)

Eu tenho medo da felicidade.
Quem viveu na orphandade
de um carinho,
Quem viveu sózinho,
não crê que um dia possa ser feliz.
Si acaso um sonho se lhe empluma nalma,
não sabe si é tormenta ou si lhe é calma,
não sabe se o maldiz,
ou si o bemdiz!

Eu tenho medo da felicidade...
Não sei, meu doce Amigo,
si teu amor é premio ou si é castigo!
E me debato presa de ansiedade
de uma duvida atróz e sem piedade...
Em tuas mãos puz toda a minha vida
e o meu desejo de te ser querida...
Mas... Quem ha-de
um dia me dizer que a sorte quiz
num sonho excelso me fazer feliz
si eu tenho medo da felicidade!...

LEONOR POSADA

O Mundo em Revista

FORAM A ROMA E VIRAM O PAPA — James Roosevelt, filho do Presidente dos Estados Unidos, e sua esposa photographados no Vaticano antes de serem recebidos em audiencia especial pelo Papa Pio XI. Os illustres visitantes, que haviam concluido uma viagem de algumas semanas á Italia, já regressaram á America do Norte.

PELO FASCISMO NA HESPANHA — José Antonio Primo de Rivera, filho mais velho do celebre dictador hespanhol (á direita), ao lado do seu amigo e correligionario, Ruiz de Alda. Rivera Jr. é o leader do movimento fascista na Hespanha e ha pouco, num theatro de Madrid, fez uma proclamação aos veteranos da Guerra, pedindo-lhes o seu auxilio.

MAIS UMA BANDEIRA — E' a do Partido Fascista inglez, que se differencia do pavilhão britannico por trazer o emblema de Hitler. Ella foi hasteada uma vez só na séde do Fascio, em Londres, e ainda assim por um pequeno espaço de tempo, porque o Ministro do Interior mandou arrial-a immediatamente.

AVE, CESAR! — Mussolini agradecendo as manifestações que o povo de Roma lhe fez, em Outubro passado, na Praça Veneza, por occasião do 12° anniversario da marcha fascista sobre a Cidade Eterna. O Duce falou, e entre outras coisas disse que "a Italia e o Fascismo progridem materialmente e espiritualmente".

A CRISE POLITICA EM FRANÇA — Alberto Sarraut (ao centro, de chapéo duro), cercado de jornalistas, quando voltava do Elyseu (Paris), onde fôra participar ao Presidente Lebrun a formação do ministerio. O ex-"primeiro" gaulez succedera a Eduardo Daladier, derrotado por um voto, no Senado, em meados de Outubro.

TUDO COMO DANTES... — Após um estadio de dois annos em sua Patria, durante o qual as relações entre o Japão e a China estiveram tensas, o Ministro da China em Tokio, o Sr. Chang-Tso-Ping (á direita), retomou seu posto naquella capital. O outro é o chanceller japonez, Sr. Koki Hirota, que está em seu gabinete de trabalho. As duas grandes potencias voltaram aos bons tempos de outrora... E' o que parecem demonstrar os ares satisfeitos de S. S. Exas.

Vaqueiro da zona do São Francisco, no norte de Minas. (Photo Elpidio Bello Horizonte)

PROMETHEU

(Conclusão)

— Sei lá!... Vae ver que é vadio!

Os commentarios espoucavam.

Naquella tarde, mal a sineta soára para o recreio, o Mariosinho, — um talento precoce no desenho, — tomou do giz e rabiscou no quadro negro uma caricatura: era um enorme hippopotamo, trazendo pela pata um hippopotamosinho muito magro que esperneava, berrando. Da sua bocca sahia uma lingua branca, onde se lia: "Papae!"

Em baixo estava escripto: "Vadio".

Quando Hyppolito Caminha voltou para terminar a aula, o successo já era antegosado. Risadinhas. Sussurros.

Hyppolito tomou o seu logar.

— Hernane, vá para o quadro.

O menino foi.

— Escreva ali...

E parou. Seus olhos, fixaram-se no retabulo negro e estratificaram-se.

Hyppolito sentiu que os traços grotescos da caricatura iam engrossando, aos poucos; depois, os bonecos tomaram vulto e encheram a sala como enormes, enormissimos fantasmas! E os seus olhos tambem se encheram... transbordaram... A cabeça, sacudida de soluços, tombou para a frente.

O riso, que ia explodir na classe, galvanisou-se em todas as boquinhas.

As creanças se entreolharam. Ninguem comprehendia aquillo; tinham, comtudo a intuição de que se estava passando alguma cousa de intensa gravidade.

A dôr silenciosa de Hyppolito era tão grande, que se derramára, penetrando o ar circumstante, abrangendo tudo e commovendo a todos.

A aula terminou logo, o mestre, derrotado, retirou-se dispersando os alumnos.

* * *

No outro dia, muito cedo ainda, Hyppolito Caminha, beijou o filho e saiu. A manhã clarissima, predispunha-o bem. Tagarelou com os vizinhos, tomou dois cafés em casa de D. Zoraide e, já em cima da hora, correu para a escola.

— Bom dia, professor. Bom dia.

Ninguem falou em hippopotamo. Todos estavam de carinha alegre e saudavam com respeito.

Hyppolito afagou as cabecinhas, sorrindo de satisfação. Pendurou o chapéo no cabide e encaminhou-se para a classe.

Logo á entrada o Hernani tomou-lhe a frente:

— Professor. Chegou hoje um alumno novo; trouxemos elle para estudar comnosco!

— Está bem, está bem...

E Hyppolito abraçou o garoto, deixando cair os oculos. A turma toda se entreolhava, piscando os olhinhos.

Quando Hyppolito assomou á porta foi detido por um grito:

— Papae!

Hyppolito olhou. Ao fundo da sala, sentado em sua mesa de aula, o Alfredinho estendia-lhe os bracinhos mirrados; a sua face ria, alegremente, um riso de dentes tão brancos tão brancos como a sua pelle de anemico.

— Papaesinho! E as perninhas bambas do aleijado, balouçavam-se penduradas da borda da mesa, como dois molambos de Judas, vasios e sem commando.

Hyppolito desenhou um sorriso beatifico.

— Está ahi o alumno novo, professor, — disse o Jorge.

Mas o professor já não o ouvia.

Ruborisava-se todo o seu semblante. As temporas pulsavam; e Hyppolito sentiu que a sala lhe cirandava em torno. De repente, o tecto se rasgou e as nimfas brancas como flócos de algodão, correram sobre a aboboda de luz.

Hyppolito ficou em extase, emquanto a figura do Alfredinho, tornado novamente Prometheu, quebrava os élos que o prendiam á sua mesa de aula e caminhava para elle, com duas enormes azas brancas...

Acercou-se; e, tomando-lhe as mãos largas, com um sorriso victorioso impelliu-o para o alto. Hyppolito sorria beatificamente; nunca a sua face se pareceu tanto com a de Jesus. E cahiu pesadamente no sólo.

Um espectaculo de fé, arte e Civismo

Santa Cecilia, a padroeira da Musica.

O maestro Francisco Braga, no campo do Fluminense F. C. regendo a grande orchestra durante a festa promovida pelo "O Globo".

Villa Lobos, dirigindo o côro orpheonico na festa campal, em honra a Santa Cecilia.

A missa campal, celebrada no "Dia da Musica".

AS commemorações do "Dia da Musica", entre nós, tiveram um brilho invulgar. Sob o patrocinio dos nossos collegas d'"O Globo", cujas columnas estão abertas a todas as iniciativas louvaveis, a Associação Orchestral do Rio de Janeiro promoveu um imponente concerto no *stadium* do Fluminense.

Neste grandioso espectaculo musical que empolgou a maior multidão que já se reuniu entre nós, para uma festa desta natureza, tomaram parte as nossas melhores bandas e orchestras, e o côro orpheonico das escolas municipaes — isto é, o maior numero de executantes, sob a regencia dos maestros Villa-Lobos, Francisco Braga, Joanidia Sodré e Chiaffitelli.

Antes do inicio do concerto, os grandes regentes palestram com os mestres das bandas militares.

As nossas gravuras dão idéa do que foi esse extraordinario concerto, irradiado para todo o Brasil e realizado, no *stadium* do Fluminense, em honra de Santa Cecilia, padroeira da Musica.

DE FLORICULTURA E HORTICULTURA

AS FLORESTAS DO BRASIL E SEUS PANEGYRISTAS

Campos do Jordão (Photo Dr. João da Gama Cerqueira).

". . .Selvas, (proclamava Lourenço da Fonseca, em 1898) para cuja descripção é impotente o engenho do mais abalisado escriptor, e que outrora, pela sua fauna e flora maravilhosas, Achille Richard denominou o "Eden do Naturalista".

Quantos sabios e homens illustres não ficaram captivos de nossa riqueza florestal! Quantas paginas brilhantes ha por aqui e além, enaltecendo a nossa deslumbrante natureza!

Eis aqui uma bibliographia que nos envaidece:

Flora Fluminense, de frei Conceição Velloso, **Flora brasileira**, de Friedrich Martius, **Flora brasiliense**, 3 vols., de Saint-Hilaire, **Elementos de Botanica**, 4 vols., do Dr. J. M., Caminhoá, **Phytographia brasilca**, do Dr. Mello Moraes, etc., etc.

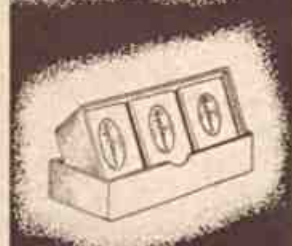
Para proteger e prolongar certas colheitas

O Sr. G. Bellair indica, para preservar do frio certas fructas, como morangos, framboezas, etc., varios processos mui praticos. Um delles é o do caixilho **de papel**, que se obtem deste modo:

Forma-se um caixilho com quatro taboas bem rectas, de quatro centimetros de largura e da espessura de tres. A armação deve ter, exteriormente, um metro de comprimento e 80 cent. de largura. O papel deve ser de consistencia forte, do maior tamanho possivel e da largura de um metro e vinte cent. Cortal-o na medida desejada; molhal-o, convenientemente com o auxilio de uma esponja; esticaI-o sobre o quadrado, dobrando, nos lados, as partes que passarem o limite estabelecido, e fixal-o com colla forte. Uma vez fixado, o papel estica-se fortemente. Passar, então, sobre sua superficie, oleo de linho, duas ou tres vezes, na proporção de um litro e meio para seis metros de papel. Pregar, depois, nos tres lados superiores do quadrado, algumas ripas de madeira de um cent. de grossura, deixando-se livre o lado que deverá ser aproveitado para o escoamento das aguas da chuva. Emfim, para evitar que o papel se desprenda pela humidade, pode-se sustel-o com dois ou tres travessas estreitas, fixadas por baixo. O caixilho deve permanecer fechado durante a noite e aberto mais ou menos de dia, conforme o calor e a intensidade do sol.

As plantas, resguardadas das intemperies, sob o caixilho de papel, vingarão rapidamente e darão bons fructos.

PLANTAS CARNIVORAS

ESTA flor é de uma planta carnivora. Foi photographada no momento em que começava a fixar-se, para aprisionar em suas petalas robustas uma incauta aranha. Uma vez fechada, a flor absorverá o insecto, reabrindo-se para apanhar outros.

A PAVOROSA CATASTROPHE DE TAMPICO

A estação de radio de Tampico, uma cidade modernissima do Mexico, havia sido informada, certo domingo de setembro, da approximação de um cyclone, que avançava a uma velocidade de 300 kilometros. E mal se diffundiu a noticia, as aguas do Panuco invadiam as partes baixas da cidade e submergiam os quarteirões suburbanos. O furacão desencadeara-se ás tres horas e continuou até ás duas do dia immediato. Sobre as aguas sombrias boiavam casas de madeiras e cadaveres abraçados ainda num amplexo de amor e de medo. Os habitantes, que se cifravam a mais de oitenta mil, estavam a tal ponto affeiçoados a suas casas que os soldados da policia tiveram de empregar a violencia para os obrigar a abandonal-as. O general Anselmo Macias, governador militar do Estado de Tamaulipas, assumiu o commando da cidade, afim de evitar a anarchia, e decretou a lei marcial.

As victimas da pavorosa hecatombe foram numerosissimas, parecendo que ascenderam a umas dezenas de milhares. Algumas pessoas, que tinham podido escapar á furia do cyclone, acabaram perecendo afogadas no Panuco. As linhas ferreas ficaram sepultadas sob as aguas, e os trens de soccorro, que partiam de Tamos para a localidade devastada, empenhavam-se tenazmente por chegar ás proximidades de Tampico. Ao longo do caminho de ferro recolhia-se o maior numero possivel de sinistrados.

Tres trens desappareceram sob as aguas. Um dos hospitaes, onde se recolhiam as victimas da medonha catastrophe, ruiu fragorosamente, matando centenas de pessoas, e a estação de radiotelegraphia de Tampico ficou sepultada sob as aguas. Aquella cidade, que era tão linda, apresentava um aspecto confrangedor, depois de passada a tormenta: era, como o disse H. G. Watson, "um amontoado de escombros e um côro de tristes lamentações".

A gravura mostra um dos aspectos da horrorosa tragedia: o furacão e as aguas na sua pavorosa faina de destruição e de morte, levando tudo de roldão, emquanto os empregados da estação telegraphica já arrasada procuram salvar-se agarrados a um poste. Era este o aspecto geral da cidade: uma população inteira em luta contra os elementos, tentando salvar a vida, na horrivel catastrophe.

Broadcasting

PROGRAMMA

Não há, hoje em dia, quem não reconheça o prestigio do radio.

De invento scientifico destinado á gloria dos sabios e ao goso dos ricos, veio elle descendo ao encontro de todas as classes.

A principio, a sua utilidade era apenas approximar as distancias, tornando audivel a propria palavra humana onde só os signaes telegraphicos chegavam.

Depois da voz, a musica enveredou tambem pelos sulcos que as ondas hertzianas abriram no espaço.

E de conquista em conquista, de perfeição em perfeição, o radio tornou-se o que é na actualidade: uma maravilha moderna, trepidante como a vida do nosso tempo, divertindo, informando, educando, espalhando mil sensações pelo mundo.

Um radio é sempre uma caixa de surpresas.

Ninguem sabe o que vae sahir de dentro delle, si uma pregação revolucionaria ou uma receita de pudins de creme.

Entre nós, como todos sentem, é cada vez mais avassaladora a influencia do radio, que começa a tomar incremento e a tornar-se uma cousa seria — tão seria como o "foot-ball", o jogo do bicho...

Assim sendo e levando em conta o immenso interesse do publico em torno de tudo quanto se refere ao "broadcasting" nacional, é que O MALHO resolveu iniciar esta secção.

Aqui estaremos, dagora em deante, todas as semanas.

Estendemos, com estas palavras, a mão ao leitor, não para que elle faça uso da palmatoria, mas para cumprimental-o cordialmente...

O. S.

TUDO NOS UNE...

O quartetto vocal "Buenos Aires", composto pelos guapos "muchachos" que figuram no cliché, acha-se no Rio cantando tangos na "Mayrinck Veiga" e gravando na "Columbia".

— Consta que o chronista Sodré Vianna que faz a secção de radio d'"O Globo", vae escrever letras para musica, afim de ensinar como ellas devem ser feitas. A ser verdade, vamos escutar, dentro em breve, versos maravilhosos

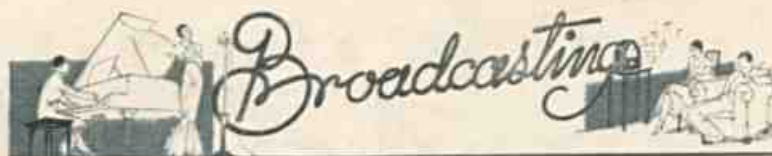
●

— De um ouvinte da "Mayrinck Veiga": — Por que será que o "speaker" Cesar Ladeira não grava em disco os annuncios da sua estação? Evitaria, assim, a fadiga de repetil-os todas as noites...

●

— A televisão vae estragar o radio. Avalia-se que tragedia não será quando um cantor sem dentes approximar-se do microphone...

RADIO CLUB TIRADENTES...

— *A Constituinte é soberana! Nós podemos! Nós mandamos! Nós somos independentes! E é por isto que votamos com o governo...*

PAULISTA DE VILLA ISABEL...

Violão de sorte! Vejam só como ele está bem installado entre os braços bonitos dessa sereia radiophonica! E quem é a sereia? E' Cyrene Fagundes, da "Radio Record" de S. Paulo. Canta sambas. Os sambas, pela sua vóz, tem um gosto todo especial. Tambem, pudera! Cyrene Fagundes é artista de S. Paulo mas nasceu no Rio, ali em Villa Izabel. Carioca da gemma! Quando é que Cyrene vem dar um passeio na sua terra?

ARRASTA A SANDALIA AHI, MORENO...

Quando, em vespera do Carnaval passado, começou o successo do disco que trazia o samba "Arrasta a Sandalia", todo mundo perguntava: — Quem é o cantor? E poucos sabiam responder: — Antonio Moreira da Silva. De lá para cá, porém, o seu nome ficou popular. Gravou, ainda naquella epoca, outro successo carnavalesco, a marcha "Prá lá de bôa!" E depois, entre varias outras creações "desacatou" com o samba "No Morro de São Carlos", de Ervê Cordovil e Orestes Barbosa, os seus proprios exitos anteriores. Mas o Carnaval já vem ahi, outra vez. E Antonio Moreira da Silva prepara-se para a lucta com unhas e dentes. Com os dentes, pelo menos, o leitor pode ver que é verdade pelo cliché acima, em que mostra um riso de sambista satisfeito com o destino. O moreno vai arrastar a sandalia, novamente. E para fazel-o com gosto já gravou duas marchas e dois sambas, todos de Assis Valente. As marchas: — "Olha a Direita" e "Levante o dedo". Os sambas: — "Cadê Você?" e "Abra a bocca e feche os olhos". Muito bem.

Os folliões cariocas estão de bocca aberta, de olhos fechados e de ouvidos attentos. Pode cantar, Antonio Moreira da Silva...

O QUE VAE PELOS "STUDIOS"

— O momento musical, entre os compositores e interpretes populares, é de expectativa. Todos se preparam para lançar novidades carnavalescas e as fabricas gravadoras não empregam sua ctividade em outra cousa. Todas escolhem, seleccionam e, não raro, pegam no peór... Os gazes da musica popular, na sua maioria, guardam em segredo as suas producções para que não sejam "queimadas" antes do Carnaval, prejudicando-se com uma popularidade antecipada.

E' da technica... Vamos ver, porém, para que lado vão pender este anno, as preferencias do publico, que, ás vezes, estraga os melhores planos...

—:—

— Entre os autores que não concordaram com a "technica do segredo", está o festejado João de Barro, que, no anno passado, fez "Moreninha da Praia" e "Trem blindado". Duas de suas producções para 1933 já andam na bocca dos cantores Mario Reis e Sylvio Caldas: "Moreninha Tropical" e "Lourinha". Esta ultima, a nosso ver, é a mais interessante e vae "oxygenar" as demais "lourinhas" já existentes e que são menos de sete! Já é...

—:—

— Carmem Miranda, que se encontra em Buenos Aires com um conjuncto de artistas brasileiros, vae regressar dentro em breve, afim de não chegar tarde para o Carnaval. Antes de partir, entretanto, a cantora de "Tá hi" lançou uma marcha de Assis Valente: — "Tão grande... tão bôbo..." que a sua irmã Aurora tem se esforçado por popularizar durante a sua ausencia, cantando-a no radio todas as noites.

—:—

— São exclusivos, actualmente, da "Radio Mayrinck Veiga", os seguintes artistas: — João Petra de Barros, Gastão Formenti, Luiz Barbosa, Arnaldo Pescuma, Custodio Mesquita, Francisco Alves, Mario Reis; Carmen Miranda, Sylvia Mello, Madelon de Assis, Elisa Coelho de Andrade, Aurora Miranda; Quartetto Buenos Ayres, Los Lazybones, Orchestra Napoleão Tavares.

—:—

— Afóra a "Mayrinck Veiga", só o "Programma Casé" possue artistas com contracto de exclusividade. São elles: — Sylvio Caldas, Castro Barbosa, Jorge Murad, Moacyr Bueno Rocha, Jorge Fernandes, Almirante, Noel Rosa; Zaira de Oliveira Santos, Marilia Baptista e Orchestra "Casé".

—:—

— Castro Barbosa, Sonia Barretto, Gesy Barbosa e Sylvio Pinto estão cantando, com grande exito, a valsa "Chuva de Estrellas", de Júlio de Oliveira, um autor novo e de merito authentico.

DEVER DE OFFICIO...

Speaker — O Sr. é calvo? Use o Pilogenio...

CONTEMPLADOS NO TORNEIO DA 19.ª CARTA ENIGMATICA

CAPITAL FEDERAL

CARMEN DE CARVALHO — Abolição, 147 — Engenho de Dentro.
MARIA ALICE — Candido Mendes, 23.
SEINADOR — Pereira Soares, 42 — Andarahy.
ARISTOTELES DE LEMOS — Figueira, 218 — Estação de Riachuelo.
LAIS — Senador Euzebio, 412, c. 2.
LAURY TESCH FURTADO — Av. Frontin, 21.

ESTADO DO RIO

OTHON MACHADO — Visconde Rio Branco, 535 — Nictheroy.
DEAMOR O. RIBEIRO — Av. 15 de Novembro, 264 — Petropolis.

ESPIRITO SANTO

ELIAS SIMÃO — Dr. Wanderley — Alegre.

BAHIA

JONAS MARQUES DE SOUZA — Bom Jesus da Lapa.
JOÃO LUIZ DOS ANJOS — Corpo de Bombeiros — Capital.
IVONNE CARVALHO VIANNA — Jogo do Carneiro, 53 — Capital.

SERGIPE

Mme NYCEU DANTAS — Itabaiana, 160 — Aracajú.

PERNAMBUCO

SERRANA — Av. Bernardo Vieira, 944 — Recife.
HARTUR LOPES MOREIRA — Penha, 51 — Recife.
MARIA HELENA SARAIVA — Hotel do Parque — Recife.

PARAHYBA DO NORTE

MARIA DO CARMO CAÇADOR — Duque de Caxas, 169 — Captal.
ESPHINGE — Tambiá, 370 — Capital.

RIO GRANDE DO NORTE

LUCIA RAMALHO — Vigario Bartholomeu, 963 — Natal.

MINAS GERAES

CLELIA DE FIGUEIREDO — Itabira de Matto Dentro.
JULIETA SIQUEIRA — Rio Preto, 619 — Bello Horizonte.

SÃO PAULO

FAUSTO VAZ DOS SANTOS — Joaquim Piza — 11 c. — Capital.
HAYDEE HUMMEL — Anna Costa, 160 — Santos.
EMILIA GUIMARÃES — Martins Tenorio, 3 — Lapa — Capital.
RELIX — Conselheiro Justino, 127 — Captal.

PARANÁ

CLIO SANTA RITA — P. Coronel Macedo — Antonina.
RODRIGO COSTA JUNIOR — Guaraquessaba.

RIO GRANDE DO SUL

MARGARIDA E. RODRIGUES — G. Chaves, 213 — Pelotas.
ESTHER PARREIRA — Luiz Affonso, 564 — Porto Alegre.

MATTO GROSSO

NAYDÉE BRASIL — Baptista das Neves, 22 — Cuyabá.

SOLUÇÃO EXACTA DA 19ª CARTA ENIGMATICA

"De um leitor amigo, recebemos a seguinte carta enigmatica:

"Senhor director. Por intermedio desta, venho pedir ao MALHO, que continue a publicação de photographias de paizagens do nosso caro Brasil, muito apreciadas aqui na Parahyba.

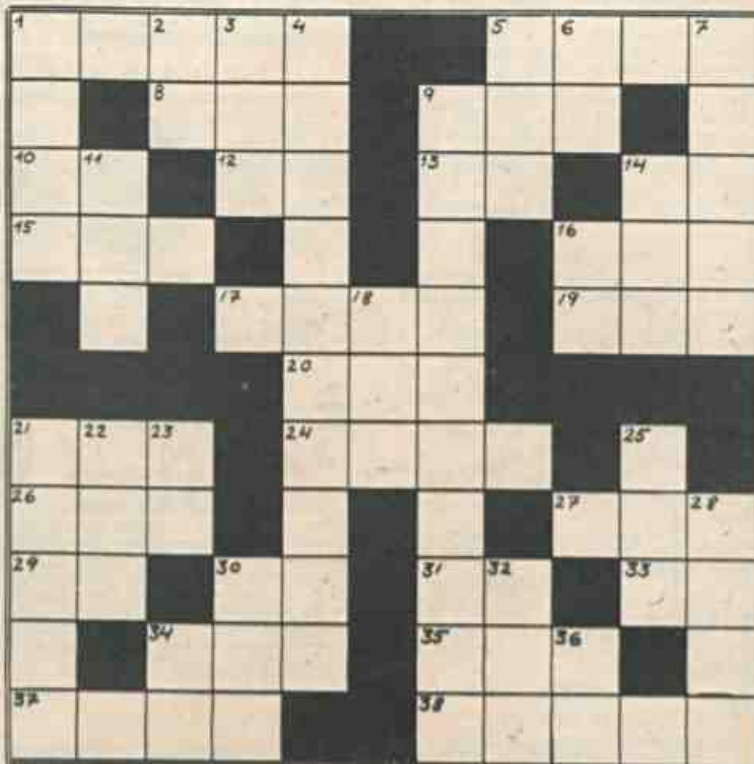
Com estima e consideração.
José Severino do Amaral"

CORRESPONDENCIA

GENESIA D'AFFONSECA SILVA — Não serve.
J. D'AZEVEDO GUERRA — Tambem não serve.
JOSE' SEVERINO D'AMARAL — A razão é muito simples: ainda não chegou a sua vez...
Aguarde a publicação da solução exacta.
HOLLANDEZ — Está interessante e original o seu agradecimento.
AMELINA PADUA — Sua carta será submettida a exame.

CARTA ENIGMATICA

No proximo numero publicaremos a 26ª carta enigmatica.

PALAVRAS CRUZADAS

Linhas horizontaes: — 1 — Exclusiva, 5 — cova, 8 — Ruido, 9 — Soffrimento, 10 — Prefixo negativo, 12 — Variação pronominal, 13 — do verbo Sêr, 14 — Antes de Christo, 15 — Accusado, 16 — Do verbo Usar, 17 — Alvo, 19 — Santo, 20 — Partido, 21 — Dôce, 24 — Espirito, 26 — Tenha affeição!, 27 — Gume, 29 — Nota, 30 — Poeira, 31 — Contracção, 33 — Conjuncção, 34 — Pronome, 35 — Reze!, 37 — Lavrar, 38 — Vontade de dormir.

Linhas verticaes: — 1 — Reunir, 2 — metade da isca, 3 — Preposição, 4 — Da America, 5 — Da calça, 6 — Apparencia, 7 — Homem, 9 — Sem armas, 11 — Novo, 14 — Do avião, 16 — E. Unidos, 18 — Lista, 21 — Sucia, 22 — Especie de avestruz, 25 — Corrente, 28 — Metal precioso, 30 — Collocar, 32 — Arco, 34 — Siga!, 36 — Preposição.

As "Palavras Cruzadas" constituem um genero de divertimento intellectual que alcançou a mais rapida popularidade no mundo inteiro. No Brasil, ellas foram introduzidas, com exito animador, diffundindo-se, em pouco tempo, por toda parte e interessando aos leitores das mais longinquas paragens do territorio nacional.

Mas a moda passou e as publicações puzeram, pouco a pouco, de lado, o instructivo e interessante passa-tempo, muito embora não se houvesse arrefecido o grito do publico por esse genero de "quebra-cabeça".

O MALHO resolveu pôr em moda, de novo, as "Palavras Cruzadas" que, estamos certos, interessará a todos os leitores, principalmente aos que não gostarem das "Cartas Enigmaticas", e dos que não se derem bem com as difficuldades terriveis do "Album de Œdipo".

Assim, alternativamente, publicaremos em um numero, "carta enigmatica" e no outro, "palavras cruzadas".

E agora, mãos á obra. As soluções deste torneio devem ser enviadas a esta redacção — Travessa do Ouvidor, 34, Rio — até o dia 6 de Janeiro do proximo anno, data do seu encerramento. Na edição de O MALHO de 18 de Janeiro, reproduziremos a solução exacta do presente problema.

Vinte premios estupendos serão distribuidos em sorteio entre os concurrentes que nos enviarem as soluções certas e acompanhadas do "coupon" respectivo.

PALAVRAS CRUZADAS

COUPON N. 1

Nome ou pseudonymo ....

Residencia ....

4.º TORNEIO COMMUM DE 1933

N. 27 — 7 DEZEMBRO

PREMIOS: os mesmos do numero anterior.

LIVROS adoptados nos torneios communs: Cand. Fig. (edição pequena); Simões da Fonseca (idem); Fonseca & Roquette (os dois volumes); Chompré (Fabula); Bandeira (Synonymos), A. M. Souza (Manual do Charadista, os 2 volumes); Jayme de Seguier: Vocabulario Monosyllabico, de Caminha. Para os desenhados: Rifoneiro Portuguez (de Pedro Chaves), Adagios portuguezes (de Antonio Delicado) e o Diccionario de Moraes até a 7.ª edição.

NOVISSIMAS 126 a 133

1—2—*Para* o celebre *poeta espanhol*, com sentido e pontuação, a leitura é cousa *delicioso*.

Bibliophilo (Santa Barbara, Minas)

1—1—"*Porque*" "a" mulher é o ser que mais *penetra* em nossa vida.

C. Maia (B. C. P. — Passos, Minas)

2—1—De "*alfange*" em punho nada *applica* para evitar a *reprehensão*.

Ananias (Gente Nova, de Corumbá)

1—1—1—Está na *parte* do verso a "*letra*" da "*arvore*" que figurava no pedestal.

Americo (Idem, idem)

1—1—*Isso*. Aproveite a occasião se "*é possivel*".

Zé do Sol (Ouro Fino, Minas)

2—2—Nesta "*aldeia*", não *mandes* muito, senão apanhas nas ventas.

Athenas (Belém, Pará)

3—3—E' uma *porcação* cheia de *esquisitice* e que tem *paixão* pela *corrida*.

Canhoto (Gente Nova, de Corumbá)

2—2—Uma *ligação forte* deve ser feita por individuo *energico*.

Barbarol (São Paulo)

CASAES 134 a 137

2—"*Homem*" moribundo *sente angustia*.

Bibliophilo (Santa Barbara, Minas)

2—Que *alarido* que parece mais um *rugido*!

Canhoto (Gente Nova, de Corumbá)

3—Tinha *empafia* e no entanto era muito *reles*.

Candinho (Bananal, São Paulo)

3—Meu "*maninho*" não gosta de *excentricidade*.

Barbarol (São Paulo)

SYNCOPADAS 138 a 141

3—2—Esta "*planta*" é o alimento do "*veado*".

Bibliophilo (Santa Barbara, Minas)

3—2—Nesta "*officina*" prepara-se muito "*instrumento*".

Capichola (Gremio Capichaba, E. Santo)

3—2—E' um *esboço extraordinario*!

Capuchinho (idem, idem)

3—2—E' preciso um "*abrigo*" para a "*embarcação*".

Candinho (Bananal, São Paulo)

ENIGMAS 142 e 143

Quando eu te vejo, depressa
Eu sinto que me começa
O coração a saltar;
E até no fim vou fazendo,
Co'o *golpe*, que é bem tremendo,
Toliços só de espantar...

Vivi (G. dos XX, Piracicaba)

Com o fim de namorar
A filha do tio Gaspar,
O Chico Dunga Paquera,
Sem ter vagar, sem ter pressa,
Mesmo a seu tempo começa
A abrir sua alma á chimera.

V. Neno (G. dos XX, Piracicaba)

CHARADAS 144 a 147

Tomastes tão *grande surra*—2—
De um *magote de pessoas*—2—
E cahistes bem na lama!
Mas trocastes de Alagoas
Taboa que serve de cama.

Tiburcio Pina (São Salvador, Bahia)

Quem um enterro pretenda *fazer*—1
Primeiro deve "*medida*" tomar—1
Da *dinheirama* então que, em recompensa,—2
Ao "*pato-pingado*" terá de dar.

Gentrau d'Abruzhoss (Th. Ottoni, Minas)

Por que será que o Carvalho
Alsea tanto o trabalho—3
E *usa* tanto o martello?—1
E usa tanto o serrote
E mexe o corpo, o cangote,
Num *estrondo*, num anhelo?

Vivi (G. dos XX, Piracicaba)

ALBUM DE OEDIPO

QUADRO DE HONRA

Campeão Brasileiro de 1933 — MR TRINQUESSE

6.ª SÉRIE DA TAÇA MARIA FLOR — N.º 10

DECIFRADORES

TOTALISTAS

Arthaud, Mr. Trinquesse, L'oscar, Nazareno (todos do Reducto Paulista), Helio Florival, Noiva da Collina, Belkiss, Taft, Eneb, Vivi, V. Neno (todos 7 do Grupo dos XX, de Piracicaba), Diana, Dapera, Etienne Dolet, Julião Riminot, Paracelso, Yara, Zelira (todos 7, do Bloco dos Fidalgos, de Santos, e todos 18 de São Paulo), Alejoal, Etiel, Euristo (todos 3, da T. E.), e Vasco Dias (todos 4 de Lisboa), 18 pontos cada.

OUTROS DECIFRADORES

Helianthо, Lolina, Agama, R. Said, Vigario de Wielkfield (todos de São Salvador, Bahia), 14 cada; Dama Verde (idem, idem), Passaro Negro (Barbacena, Minas), 13 cada; Gandhi (Campos, E. do Rio), Tiburcio Pina (São Salvador, Bahia), 12 cada; Ave da Sorte, Aventureira (idem, idem), 11 cada; Flôr de Liz (idem, idem), Capuchinho, Capichoto, Capichola (do Gremio Capichaba, Espirito Santo), 10 cada.

DECIFRAÇÕES

101 — Eloquente; 102 — Quarta-feira; 103 — Lingua; 104 — Acedia; 105 — Empasma; 106 — Protea; 107 — Agora; 108 — *Nulla*; 109 — *Nulla*; 110 — Variar; 111 — Anacolema; 112 — Tess; 113 — Tira-prosa; 114 — Batalha; 115 — Saca-me-tal; 116 — Filateria; 117 — Zomba-zombando; 118 — Machina agricola; 119 — Desengaçador; 120 — Junto da ortiga nasce a rosa.

NOTA — Annullámos *X. P. T. O.* para 178, porque na palavra — *escripto* —, do 3.º verso, houve uma mudança de funcção grammatical e as commas precisas não appareceram. Tambem annullámos *Astaces* para 109, porque se trata de um erro do Souza, pois a palavra certa é *Astáco*.

TORNEIO DE EMERGENCIA

DECIFRADORES

Dama Verde, Clirio, Helianthо, R. Said, Lolina, Agama e Vigario de Wielkfield (todos de São Salvador, Bahia), 12 pontos cada um; Tiburcio Pina (idem, idem), 11.

DECIFRAÇÕES

1—Outrotanto; 2 — Parelhamento; 3 — Afoguea; 4 — Pesca; 5 — Alçado; 6 — Estatuto; 7 — Cerato-corpo; 8 — Opipera; 9 — Alvares; 10 — Ascoma; 11 — Escorropichagalhetas; 12 — Quarta — rabalha.

NOTA — Resalva para 9, precisa justificação

Depois de ter *garantido*—3
Que de mim não mais *zombava*—2
Enganou-me este perdido
Que sua *fé* assim deprava.

Nazareno (R. P., São Paulo)

LOGOGRIPHOS

Como me doem á lembrança
Os tempos que *ao longe* vão;—2,5,10,11,9
Tinha amor, tinha esperança,
Tinha chimera, illusão...
Nas *horas vagas*, creança—1,9,8,12
Dava ao meu sonho expansão;
Na *cor viva* da bonança,—4,12,10,6,3
Ia-me o tempo a roldão.
Mas hoje, tudo mudado!
Nas *ruinas* do meu fado—8,2,6,7,2
Impera a triste saudade.
O affecto meu era santo,
Foi meu *erro* amar-te tanto
— Adivinhar, mas, quem ha de?

Vivi (G. dos XX, Piracicaba)

(*Ao caro Audax*):

Vem o sol lá no horizonte,—7-5-1-7
no terreiro canta o gallo
e o vaqueiro em seu cavallo
busca o gado lá no monte.—7-3-4
E' tão bello de manhã,
tudo *brilha*, vive e canta—7-8-1-2
desde o fino grito d'anta
ao piar da caiçá.
No *trabalho* co'alegria—3-4-1-7
bate enxada o camarada
no *chão* duro da queimada—6-4-8-7
dia inteiro e todo dia.
E depois, logo á tardinha,
vem p'ra *casa* descansar,—3-7-8
e após tanto trabalhar
vae *riscar* sua violinha.

C. Maia (B. C. P. — Passos, Minas)

P R A Z O S

Terminarão a: 27 do corrente e a 1, 7, 8, 11 e 16 de Janeiro seguinte, respectivamente, para cada um dos grupos regionaes já estabelecidos no regulamento, valendo para todos o carimbo postal do ultimo dia do prazo.

C O R R I G E N D A

Do n. 25:

Totalistas do n.º 8: antes de — Tiburcio Pina — leia-se — OUTROS DECIFRADORES. *Decifrações do mesmo numero*: — 60 e não—89 — *Nota*, logo abaixo: — Lambda — e não — Lombda —, 2—2— e não — 2 — 1 — (Novissima de R. Said). Depois de — Que — leia-se — eu — (charada de Tiburcio Pina). *Corrigenda do n.º 23*: Antes de — casal — da — (linhas 2). *Publicações recebidas*: "*detective*" — e não — "*dactetive*". 1934 e não — 1933 (o primeiro Campeonato Brasileiro).

Do n.º 24:

Decifrações do n.º 9 (6.ª série da taça). 92 — Loiras. *Nota*, logo abaixo: *Oroscopo* — e não —Horoscopo. Flor e engole — não devem ser gryphados (Casaes de Zé do Sol e de Americo, successivamente). A Syncopada 116 é de Tiburcio Pina. *Corrigenda do n.º 21*: — De mattos — e não — De mattas — *2.º Torneio Commum de 1933 — Resultado final*: no desempate dos dois terços de pontos, o Gremio Capichaba figurou com o n.º 8.

Do n.º 24:

Decifrações do n.º 7: a do n.º 46 — é — Xe — Xe —.

Do n. 23:

Na charada de Lily Quaglieta, onde ha — faça — leia-se — fase — (3.º e 5.º versos).

2.º TORNEIO COMMUM DE 1933. — RESULTADO FINAL

(*Continuação do numero anterior*)

Se pelo desempate do numero anterior o grupo paraense ficar com o premio de 1.º logar, haverá necessidade de um outro desempate e este dentro do grupo, ficando Spartaco com os finaes pares, e Lyrio do Valle com os impares.

O mesmo acontecerá com o 2.º logar, caso o vencedor seja ou o grupo bahiano, ou o Bloco dos Fidalgos, cabendo os finaes 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8, successivamente, a cada um dos componentes do grupo, e 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7 a cada um dos Fidalgos do Bloco, observada a ordem em que apparecem todos na apuração sahida no numero passado.

Se na categoria dos 2 terços de pontos fôr sorteado um dos agrupamentos de que fala o numero ultimo, tem de haver novo desempate dentro desse grupo, e, neste caso, Pompeu fica com os finaes 1 a 3, Grupo dos XX com 4 a 6, e Candinho com 7 a 9, Scyllo (1 e 2), Castrinho (3 e 4), Canhoto (5 e 6), Americo (7 e 8), Ananias (9 e 0), Ricardo Mirtes (pares), Tercio-Filho (impares), Capuchinho (1 a 3), Capichoto (4 a 6), Capichola (7 a 9). Se o Grupo dos XX fôr o vencedor nesse outro desempate, seus componentes acima especificados, e pela ordem em que estão impressos, terão os finaes 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7. Os algarismos, ou os termos — pares e impares —, ao lado de cada concurrente, mas dentro dos parenthesis, indicarão o vencedor do agrupamento, ou de Gente Nova, ou do Gremio Capichaba, sorteados.

O premio maior da loteria desta Capital a correr depois de amanhã e, na sua falta, a que se seguir, ultimará os desempates, sendo que se nada se decidir com elle, servirá o segundo e assim por deante até ficar tudo liquidado. Sorteado o Grupo dos XX por um premio, o desempate dentro delle será feito pelo premio immediato ou immediatos, caso o anterior nada resolva. Damos 30 dias para reclamações a respeito desta apuração; findo elle, a nada mais attenderemos.

Tratemos, agora, da escolha do *Melhor Trabalho*, que será feita por votação.

Poderão votar os charadistas, de 159 a 99 pontos, mesmo que tenham de 1 a 3 listas perdidas. Só resta que os votantes se apressem em cumprir o dever acima, e nos remettam, sem falta, os respectivos votos.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Deva, n.º 2, de 15 de Novembro, "*detective*", n.º 91, de 26 de Outubro tudo deste anno.

CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1934

Lidaci e Mr. Trinquesse remetteram mais trabalhos.

C O R R E S P O N D E N C I A

Senhorinha e Moranguinho (São Paulo) — Gratos pela participação do nascimento da *Joanninha*, a quem desejamos muita sorte e muita saude.

Tercio-Filho (Recife) — Não ha paridade: Pompear infringia o Regulamento, e as razões já foram dadas. *Mongiar* está certo.

Lidaci — Realmente, houve engano

De Souza (Capital) — Scientes da nova residencia.

Cyro (São Paulo) — Inscripto. Sua ficha charadistica tomou o numero 288. Vamos examinar os trabalhos.

Lusir (Grupo Theophilottonense de Amadores — Theophilo Ottoni, Minas) — Sciente de que esse Grupo é uma secção do Gremio Charadistico Sylvio Alves, ao qual todos pertencem. Realmente *Iris* já tem retrato e ficha, e está inscripto, sob n.º 264, ha muito tempo. Recebidos os trabalhos.

Tiburcio Pina (Bahia), *Tercio-Filho* (Recife), *Lidaci e De Souza* (ambos desta Capital), *Lily Quaglieta* (São Paulo) — Accusamos o recebimento dos novos trabalhos.

MARECHAL

FIGURADO 159

Marechal (Rio)

EXERCITOS DE OPERETA

O Sr. J. Lafayette, pseudonymo de um publicista paulistano de raras erudição e modestia, acaba de dar a lume um folheto de oitenta paginas onde o problema da federalisação das policias estadoaes é estudado não só com profundo conhecimento, como tambem com uma documentação á altura de um verdadeiro estrategista da materia.

Embora soldado desconnecido dos estados maiores das letras nacionaes, o Sr. J. Lafayette revela nesse trabalho aptidões invulgares de perfeito escriptor e analysta das questões militares tanto nas suas mais altas espheras moraes, como nos menores detalhes da technica e da caserna.

Versando themas como "A Profissão das Armas", "O Medo", "O Chefe", "O Exercito", "As policias estadoaes", "A mentalidade policial", "A Policia necessaria" e outros, o Sr. Lafayette, além de estudar o assumpto por todos os lados, trouxe para a arena dos debates, em momento opportuno, uma apreciação viva sobre as policias militares dos diversos estados da Federação, de modo a poder orientar todos quantos na Constituinte, na imprensa, ou em qualquer terreno, quizerem enfrentar o assumpto com a devida competencia.

O MELHOR PRESENTE DE
NATAL
1934
Almanach d'"O TICO-TICO"
Luiz Sá
RIO — 33
ALMANACH D'O TICO-TICO
OS MAIS BELLOS CONTOS, NOVELLAS, VERSOS, MONOLOGOS, HISTORIA, SCIENCIA, ARTE, LITERATURA, PAGINAS DE ARMAR — UM THESOUSO MARAVILHOSO PARA A INFANCIA. UMA ENCYCLOPEDIA PARA AS — — — — CREANÇAS. — — — —
A' VENDA EM TODO O BRASIL — PEDIDOS, ACOMPANHADOS DA RESPECTIVA IMPORTANCIA EM VALE POSTAL, CARTA REGISTRADA COM VALOR OU CHEQUE, A SOCIEDADE ANONYMA O MALHO, TRAVESSA DO OUVIDOR, 34 — RIO — — —
PREÇO EM TODO O BRASIL
6$